

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
LINHA DE PESQUISA: SUBJETIVIDADE, POLÍTICA E EXCLUSÃO  
SOCIAL**

**LAIS MEDEIROS AMADO**

**Itinerários ficcionais e luta antimanicomial nas ruas do Rio de Janeiro**

**Niterói / RJ  
Agosto 2019**

**LAIS MEDEIROS AMADO**

**Itinerários ficcionais e luta antimanicomial nas ruas do Rio de Janeiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Linha de pesquisa: subjetividade, política e exclusão social.

Orientador:  
Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguchi

**Niterói / RJ**  
**Agosto de 2019**

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

A481i Amado, Lais Medeiros  
Itinerários ficcionais e luta antimanicomial nas ruas do  
Rio de Janeiro / Lais Medeiros Amado ; Danichi Hausen  
Mizoguchi, orientador. Niterói, 2019.  
90 f.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,  
Niterói, 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2019.m.05858336728>

1. Luta antimanicomial. 2. Ficção. 3. Militância. 4.  
Democracia. 5. Produção intelectual. I. Mizoguchi, Danichi  
Hausen, orientador. II. Universidade Federal Fluminense.  
Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD -

## **LAIS MEDEIROS AMADO**

### **Itinerários ficcionais e luta antimanicomial nas ruas do rio de janeiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Linha de pesquisa: subjetividade, política e exclusão social.

Orientador:

Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguchi

Niterói, 30 de agosto de 2019.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguchi (Orientador)  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Marcelo Santana Ferreira  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Analice de Lima Palombini  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Alice De Marchi Pereira de Souza

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Alcides e Elisabete pelo amor, apoio e compreensão. Por repetirem que “os estudos são a única coisa que podemos deixar para você”. Obrigada.

À minha sobrinha Alanys por me dar orgulho e esperanças de um futuro bom.

Ao amigo e orientador Danichi pela composição harmoniosa que há entre nós.

À banca: Analice Palombini pelos comentários certos e precisos. Marcelo Santana pela leitura rigorosa e carinhosa, belos brindes a nós! Alice De Marchi pelas dicas curriculares e extracurriculares, por estar por perto.

Aos militantes do Núcleo Estadual do Movimento Nacional da Luta Antimanicomial do Rio de Janeiro. Aos que em 2013 me receberam com carinho e aos que hoje insistem corajosamente em uma sociedade sem manicômios.

A todos que compuseram e hoje compõem o CAPS Torquato Neto e fizeram de *todas as horas do fim* horas intensas, vivas, cruéis, alegres e pensantes. Aos moradores da RT Lavras e Joaquim, pois cada sorriso com vocês reafirmava a certeza de que o manicômio precisa acabar.

À Tainá Oliveira, porque são tuas as minhas palavras. E a todo grupo de orientação: Juliana Cecchetti, Mauro Silva, Alessandra Carvalho por desrespeitarem a solidão da escrita e se fazerem presentes em frases, parágrafos e bares.

À Beatriz pelo amor, confiança e parceria. Por tudo que em nós persiste alheio aos fins e recomeços.

À Tatá pelo respeito diário e os mais variados sucos verdes em jejum. Ao Joci pelas longas conversas na cozinha e gargalhadas no corredor. Morar junto é mais gostoso.

Ao Fatima's Crew: Karyna Couto, Mônica Cabral, Glaucia Helena, Bárbara Santiago, Bruna Araújo, Lívia Zimbardi, Jéssica Alves *and* Gabriel e Ed porque amigo é casa e os domingos são melhores com vocês. Um agradecimento especial à rainha da ABNT: Bárbara. E à musa da língua portuguesa: Mônica.

À Maíra, Camila, Priscila e Bruna. Os encontros são raros, mas a amizade é sólida.

Das memórias de uma UFF alegre, livre e forte: Lorena Guerini.

Luta antimanicomial todo dia e além: Lula Wanderley e suas artes.

À Natália Ferreira por compartilhar comigo as angústias de ser mestranda e ser mulher. Entre rodas de samba e bibliotecas, seguimos.

À Nathália por pular comigo de mãos dadas rumo ao abismo.

À cidade de Niterói e aos amores que por lá preservo: Luan Cassal e Paloma Meirelles.

Aos becos, bares e rodas de samba da Lapa. Às bibliotecas, praias e cafés d'um Rio de Janeiro que alucina e transborda.

À CAPES pela bolsa de fomento concedida.

adesvio:  
em caso de emergência, quebre o protocolo  
(Tatiana Nascimento)

## RESUMO

Na política contemporânea brasileira, um cenário de suspensão de direitos torna-se cada vez mais predominante. Ainda que sem uma formalização constitucional, o que vemos é um estado de exceção que se atualiza enquanto técnica de governo e gera, no campo das políticas públicas, enormes retrocessos e estratégias de desmonte. Atentos ao contexto que se impõe e ao consequente enfraquecimento de práticas coletivas e militantes, a presente dissertação busca investigar: como [hoje] é possível almejar, sonhar e lutar por uma sociedade sem manicômios? Empreende-se aqui um esforço metodológico de articular os conceitos de memória, experiência e ficção. A aposta é de que narrativas ficcionais funcionem como ferramentas de interpelação e desestabilização dos regimes de saber/poder. Nesse sentido, o discurso ficcional não é aquele que se contrapõe ao real, mas, ao contrário, aquele que o fortalece na medida mesma em que o complexifica. A cidade do Rio de Janeiro aparece como campo em disputa por diversas forças. E a direção de pensar a militância antimanicomial nesse cenário é fundamental, não para encontrar respostas, mas através do exercício da ficção, perturbar e tecer questões ao mundo que habitamos.

**PALAVRAS-CHAVES:** Luta antimanicomial. Ficção. Militância. Memória. Experiência.

## **ABSTRACT**

In contemporary Brazilian politics, a scenario of suspension of rights has predominated. Although without a constitutional formalization, what we see is a state of exception that is updated as a government technique and generates huge setbacks and dismantling strategies in the field of public policies. Aware of the current context and the weakening of collective and militant practices, the present dissertation seeks to investigate: how [today] is it possible to aim, dream and fight for a society without asylums? This is a methodological effort to articulate the concepts of memory, experience and fiction. The bet is that fictional narratives work as tools for questioning and destabilizing the regimes of knowledge / power. In this sense, the fictional discourse is not the one that opposes the Real, but, on the contrary, the one that strengthens it, since it complexifies it. The city of Rio de Janeiro appears as a field in dispute for various forces. And the direction of thinking about antimanicomial militancy in this scenario is fundamental, not to find answers, but through the exercise of fiction, to disturb and weave questions into the world we inhabit.

**KEYWORDS:** Anti-asylum fight. Fiction. Militancy. Memory. Experience.

# SUMÁRIO

## 1 INTRODUÇÃO

[Lapa].....	8
[Ir].....	10
[Ficar].....	12

## 2 METODOLOGIA

[Da janela: uma criança].....	16
[Na rua: um livro].....	21
[No quarto: embriaguez].....	24

## 3 ITINERÁRIOS

[Cinelândia].....	32
[Botafogo, Engenho de Dentro ou Jacarepaguá].....	37

## 4 CONVERSAS

[Luzes de emergência].....	42
[Vizinhança].....	43
[É tempo de adormecer?]	46
[Entre chamadas e saudades].....	47
[Pequenas brechas].....	48
[Lembranças].....	51
[Noites insones].....	54
[Inquietações].....	59
[Ruas e Chamadas].....	62
[O clima virou uma incógnita].....	66
[Reunião antimanicomial].....	70
[Marcha Louca].....	73
[Pelos becos e bares, a festa].....	75

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[Ressaca].....	82
----------------	----

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....

86

## 1 INTRODUÇÃO

[LAPA]

Na cama o corpo se revira insone. Estica, contrai, busca um jeito de adormecer e não encontra sucesso. Da janela murmúrios vindos do bar, o último jogo, as próximas eleições... murmúrio é pouco. O bar mais parece uma arena onde todo e qualquer assunto se transforma em uma grande e vigorosa disputa. Homens com suas camisas desabotoadas esbanjam o suor acumulado no corpo após um dia de trabalho. Com pelos e barrigas à mostra gesticulam uns com os outros, rivalizam qualquer coisa em voz alta. Berros, gritos e impaciências ecoam na janela do quarto, o garçom serve mais uma cerveja gelada, e a mulher insiste na tentativa - já fracassada - de adormecer. Gargalhadas escandalosas compõem o falatório viril aproximando disputa e descontração. Talvez seja uma briga. Talvez seja uma festa.

Arena boêmia montada ao redor da mesa, embalada pelos cascos da cerveja mais barata. Se o Flamengo for campeão é um que paga promessa. Se perder, paga a rodada. O melhor goleiro é o meu até deixar passar aquele gol. E se o Vasco for vice? O camisa 10. Um escanteio. Estava impedido. A competição toma os corpos. E do futebol à política é um pulo. O partido é seu, o vereador é nosso. A estrela vermelha, o pato amarelo, um helicóptero, um tríplice. “Fascista!” ecoa de um lado. “Comunista” se ouve do outro. Todos gritam. Todos gargalham. E tudo se ouve do quarto.

As discussões travadas ali soam como uma espécie de assembleia onde homens argumentam em prol do melhor time, do melhor jogador, do melhor candidato ou partido. De certo, atropelam os discursos e esbarram nas palavras. Mas mantêm seus corpos inclinados uns para os outros e, com os gestos inflamados, tateiam verdades sobre o futebol, ensaiam respostas sobre as eleições. Infinita peleja multiplicando a rua, contaminando o quarto.

Do lado de dentro, a janela ainda que fechada deixa passar os ruídos. Da cama, a mulher oscila entre se esforçar para dormir e se esforçar para entender o falatório. Estica o corpo, reluta, mas os ouvidos permanecem atentos. Por vezes, até faz considerações consigo mesma e ensaia entrar da discussão, surgir na janela e em voz alta exclamar sua opinião sobre a final do campeonato e o campo eleitoral. Mas hesita. Está cansada demais.

O trânsito. O percurso diário do centro à zona norte. O caos matutino de ônibus, metrô e carros buzinando por toda parte. O sol quente e a falta de água no local de

trabalho. A vaquinha feita pelos profissionais para matarem a sede. O salário precário que quase nunca é depositado no dia certo. O medo da violência que abarca a todos, trabalhadores e usuários do serviço. Com o corpo nesse estado, a janela parece um lugar muito distante, e o berro sobre o campeonato permanece à espreita, transformando-se em som silenciado.

Na busca por distração liga a TV, de canal em canal procura algo que possa disputar com o falatório vindo do bar. Uma novela, um filme, uma bobagem qualquer que a faça rir. Mas, na tela, notícias mais sérias a capturam. O tradicional jornal anuncia perigos. A voz rígida e o corpo imóvel do apresentador se confundem com o alarido vindo da rua. De onde vem aquele som? Ela se pergunta. Em tom firme o apresentador replica as palavras de um General<sup>1</sup>. Ele diz: O Exército está atento. O Exército está atento. Ela repete para si mesma. O que exatamente aquilo quer dizer? As palavras ecoam no corpo jogado na cama. Desliga a TV e opta pela falação vinda do bar.

Eis que, de repente, um silêncio. O bar ficou mudo. Do quarto a mulher já não os ouve. As discussões se aquietam e o tom diminui. De súbito, a arena montada ao redor das mesas e cadeiras de plástico se desmancha e uma espécie de ordem absoluta se impõe ao bar. Com os pés fincados ao chão a mulher sente o piso do velho apartamento estremecer. Em um curto minuto, o escarcéu boêmio da Lapa se reduz ao som sutil e peculiar de velhas paredes vibrando.

Pela fresta lateral da janela a mulher espia: enormes rodas sacodem a rua. O chão esburacado abre-se em pequenas novas crateras. A rua estremece em mudez. Os homens do bar enchem seus copos devagar enquanto observam tanques camuflados e soldados fortemente armados descerem pela avenida. Alguns cochicham elogios às fardas, outros cochicham silêncios. O Exército está nas ruas<sup>2</sup>. Os homens permanecem no bar. E a mulher continua na cama. Paira trêmula entre o falatório viril e o tremor do silêncio.

---

<sup>1</sup> Este trecho faz referência a declaração do General Villas Bôas comandante do Exército Brasileiro, também mencionada na reportagem da Revista Fórum “Jornal Nacional: Globo usa mensagem do comandante do Exército para ameaçar STF” Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/jornal-nacional-globo-usa-mensagem-do-comandante-do-exercito-para-ameacar-stf/>> (acesso em: 28 ago. 2018).

<sup>2</sup> A frase faz menção à intervenção federal aprovada em fevereiro de 2018 no Estado do Rio de Janeiro, que deixou a segurança pública fluminense sob responsabilidade de um interventor militar, o qual responde diretamente ao presidente em exercício. A intervenção foi finalizada dez meses depois e segundo o relatório feito pelo CESEC a conclusão é que a interferência dos militares e a injeção de R\$1,2 bilhão de reais de recursos federais não produziram mudanças significativas na segurança pública do Rio. Ver mais em: <[https://drive.google.com/file/d/1QI8bwWWsGllautm\\_Dz4f-fcF0QwCcQMY/view](https://drive.google.com/file/d/1QI8bwWWsGllautm_Dz4f-fcF0QwCcQMY/view)> (acesso em: 26 jun. 2019).

\*\*\*

[IR]

**A. ,**

Estou indo embora.

O e-mail chega para ela às três da madrugada, quando o corpo já desistiu de dormir e segue acompanhado de livros e um café forte. De certo já desligou a TV e o falatório que invadia o quarto agora é só um burburinho distante.

Estou indo embora e você sabe o porquê. Estamos com medo. Juntei uma grana e mamãe vai me ajudar com o pouco que tem. O Breno vai antes de mim. Ele não suporta mais isso daqui. Já anunciamos o apê da Glória, se souber de alguém interessado, me avisa. Os pais do Breno já foram, disseram que não suportariam mais viver outra ditadura. Ditadura? Será? Não sei. Eles veem repetição, dizem que isso aqui é o novo 64. Só se for com uma nova roupagem. Não acho que é a mesma coisa, A. O que você tem pensado? Para eles, pouco importa, não querem esperar pra ver. Com a grana que eles têm vão se firmar pela Europa. Paris, Alemanha, não sei...

Mamãe você já sabe, né. Diz não fazer ideia do que está acontecendo. Eu tenho cá minhas dúvidas. Às vezes acho que ela apenas se acostumou ao inferno. Fica lá entre uns "panos pra lavar e um romance", enfiada na igreja daquele fim de mundo. Olho para ela e lembro das nossas aulas sobre o Calvino (1974, s/p):

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte dele até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: procurar e reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

Ela aceitou o inferno, eu sigo tentando reconhecer o quê no meio disso tudo não é inferno. Abro espaço.

A., eu estou indo embora. Fico repetindo essa frase na frente no espelho para ver se eu acredito. Às vezes acho que não vou ter coragem. A gente precisa de coragem pra ir embora, sabia? "O correr da vida embrulha tudo" etc. e tal..., você sabe! Sei do teu apego pelo Rio, pelo Brasil. Coisa de carioca teimosa que acha que isso aqui é o melhor lugar do mundo! Mas pensa sobre isso. Semana passada o Breno chegou em casa aos prantos. Foi ameaçado por um cara no bar. O homem disse que ali não era lugar de viadinho andar. Que ele fosse embora se não quisesse levar uma surra bem dada. Nenhuma novidade, né? Mas acho que ele está mais sensível, ficou mal. Me preocupo com você, A. Se cuida.

Ah! Quase me esqueci de contar. Já pedi demissão. Fizemos um acordo e eu ainda consegui receber alguns trocados. Os usuários ficaram tristes, mas me fizeram um bolo de despedida. Um deles me disse que queria poder ir embora também. Mora no Jacarezinho<sup>3</sup> desde criança e não aguenta mais. Outro falou que não tem jeito, nasceu ali e quer morrer ali. Já tem quase quarenta anos e desde os vinte frequenta o CAPS<sup>4</sup>.

Mas disse que não quer ser assassinado como o irmão que foi executado "pelos homens" na porta de casa. Me disse assim: "Amarraram meu irmão igual me amarram no hospital psiquiátrico, prenderam os braços pra trás, aí deram tiro nele. Muito tiro. Em mim só dão injeção, mas eu também morri" E há quem AINDA acredite em proteção de hospício, não é mesmo? Meus olhos encheram d'água, A. Dá pra produzir saúde assim? Nesse dia, meu único respiro foi aquele bolo...

Vou sentir falta de você e de todos. Vou sentir falta desta cidade também. Vou sentir falta da leveza que eu sei,

---

<sup>3</sup> Jacarezinho é uma das maiores favelas da cidade e fica situada na Zona Norte do Rio de Janeiro.

<sup>4</sup> Centro de Atenção Psicossocial

ainda insiste “*pelos becos e bares*”<sup>5</sup>. Dos beijos e abraços trocados até o amanhecer. Das esquinas por onde a gente clama um pouco de liberdade. Vou sentir falta do churrasco no final de semana e da praia depois do expediente no horário de verão. Vou sentir falta do samba e da rua. Vou sentir saudade.

Um amigo me disse que estou antecipando o exílio, A. Talvez. Me chamou de covarde. Talvez. Me despeço por aqui. Me escreva!

**Com amor, teu amigo.**

Respira fundo, fecha os olhos e atira o corpo na cama. Os livros espalhados pela mesa. Aquele mundaréu de anotações, resumos, resenhas, fichamentos. Tudo parece tão sem importância. Ensaia respostas ao amigo, tecla uma, duas, três vezes, mas os caracteres lhe escapam. Deixa a resposta para depois e fica com a pergunta: é possível produzir saúde assim? Indaga a si mesma. Só ouve silêncios. Adormece.

\*\*\*

[FICAR]

**Querido amigo,**

Em primeiro lugar, quero me desculpar pela demora em te responder, já fazem semanas. Mesmo sabendo que entre nós esse tipo de ressentimento nunca existiu. Sempre nos fizemos livres e respeitosos ao tempo de ambos. O fato é que as palavras não saíam. Escrevi para ti tantas delas que em seguida apaguei... Há algo de um engasgo na garganta que hoje, com um pouco de coragem, tento aqui dissolver. É

---

<sup>5</sup> “Pelos becos e bares da cidade: liberdade” é a frase que dá nome à festa organizada desde 2013 pelo Núcleo Estadual do Movimento da Luta Antimanicomial da cidade do Rio de Janeiro - NEMLA/RJ. A festa é uma estratégia de luta implicada em afirmar que lugar de loucura é na cidade.

preciso ter coragem pra ficar também, você sabia? Vamos juntos com Guimarães Rosa.

Decerto, a ocasião da data me impulsiona a te escrever. 18 de maio. Dia de pregar contigo cartazes antimanicomiais por todas as partes desta cidade. Cantar para o mundo um pouco da liberdade e da loucura que queremos. Mas anda tão difícil, né?! Aliás, sobre sua pergunta quanto à nossa situação política, te mando dois trechos e o link de uma pequena entrevista com Cecilia Coimbra. Ela, ao ser indagada sobre possíveis semelhanças do agora em relação ao passado da ditadura no Brasil, diz o seguinte:

Eu acho que a gente hoje vive não um clima de ditadura militar, nós vivemos hoje um estado de exceção, nós vivemos um estado policial, cada vez mais fascista (...). Eu acho que tem algumas questões que é fundamental que a gente perceba enquanto psicólogo e enquanto vivente neste mundo. Que os grandes meios de comunicação hoje mandam. O golpe que ocorreu foi um golpe jurídico midiático, sem dúvida. A mídia preparou e o judiciário veio e produziu o impeachment e vem em cima de todo né (sic), a partir desses diversos golpes que têm acontecido até hoje. São diferentes golpes. Mas que são golpes que não têm a ver com 64. Quando a gente diz "ah voltou a ditadura" não é isso, eu acho que a gente tem que tentar perceber que nós vivemos num outro momento histórico com outras forças históricas. Então aí, forças sociais, econômicas, políticas que são diferentes. Pro mundo não interessa, para o capitalismo não interessa mais ditaduras como interessava nos anos 60(COIMBRA, 2018).

Entre o passado recente da ditadura militar no Brasil e o presente, Cecília faz um corte. Um corte histórico. E defende que as forças do cenário atual nos distanciam de 64, mas nos aproximam daquilo que Agambem descreve como estado de exceção:

Diante do incessante avanço do que foi definido como uma `guerra civil mundial`, o estado de exceção tende sempre mais a se apresentar como o paradigma de governo dominante na política contemporânea. Esse deslocamento de uma medida provisória e excepcional para uma técnica de governo ameaça transformar radicalmente - e, de fato, já transformou de modo muito perceptível - a estrutura e o sentido da distinção tradicional entre os diversos tipos de

constituição. O estado de exceção apresenta-se, nessa perspectiva, como um patamar de indeterminação entre democracia e absolutismo (AGAMBEM, 2004 p.13).

Perdão pela enxurrada de referências bibliográficas! Você sabe que estou às voltas com a pesquisa, né? Ou seria melhor dizer, com essa missão impossível? E, se por um lado, teu e-mail me arrancou lágrimas - causando angústia e saudade na amiga carioca teimosa -, ele também deixou a pesquisadora que vos fala cheia de minhocas na cabeça. Remoendo pensamentos sobre o mundo e nossas práticas. Sobretudo, nossas práticas militantes.

Para além da sua partida, é claro, as lágrimas me pegaram na ameaça sofrida pelo Breno no bar (como ele está?), e também nas palavras do usuário do CAPS que teve o irmão assassinado: "amarraram ele igual me amarram no hospital psiquiátrico". (!!!)

Essa frase, além de me fazer chorar, me levou direto ao Manifesto de Bauru quando diz que o manicômio "é apenas uma das expressões de uma estrutura, presente em diversos mecanismos de opressão desse tipo de sociedade" (MANIFESTO et al., 1987). E que a luta por uma sociedade sem manicômios é também "a luta contra a opressão nas fábricas, nas instituições de adolescentes, nos cárceres, a discriminação aos negros, aos homossexuais, índios e mulheres" (Id., 1987).

Se é disso que se trata amigo, e se o que está posto para nós é de fato um estado de exceção, de suspensão de direitos - que no Brasil se atualiza enquanto técnica de governo e independe de uma formalização constitucional - venho me perguntando, aqui desse lugar de pesquisadora, **como [hoje] é possível almejar, sonhar e lutar por uma sociedade sem manicômios?** Ainda não faço ideia. E não arrisco dizer que saberei por completo.

Mas, apesar das incertezas que me acompanham, hoje é 18 de maio, e, como é preciso ter coragem, abro as janelas do

quarto, levanto da cama e já com os pés no chão me despeço de você neste e-mail para ir às ruas em busca de pistas para um viver antimanicomial.

Volto a te escrever em breve.

**Beijos,**

**Sua amiga-carioca-teimosa.**

## 2 METODOLOGIA

### [DA JANELA: UMA CRIANÇA]

Da janela, o costumeiro som vindo do bar já não provoca incômodos. O alarido viril tornou-se parte do quarto. O quadro de moldura branca pregado na mesma parede há anos. A cômoda de madeira maciça com um lascado na lateral. O vaso de uma planta miúda dessas que não morrem por qualquer motivo. Tudo é tão pertencente àquele lugar quanto o vozerio adulto que invade a casa. Elas parecem já ter se acostumado. Mas, do alto da janela, um som ínfimo irrompe no interior. Uma faísca de som que não compete em volume com o falatório dos homens, mas chama atenção por seu distinto tom.

Por favor, por favor mãe, só mais um pouquinho, ele insiste, agarrado à barra da saia da mãe, implorando por mais brincar. Um choro infantil embala a voz do menino. De cima, só se vê as mãos pequeninas a sacudir o corpo materno. Seu rosto, seu corpo, escapam aos olhos de quem espia do alto. Do segundo andar pouco se vê além de outras tantas janelas e um ângulo torto e estreito do bar. Mas a voz, o choro ínfimo, ecoam no quarto como um berro a romper com o falatório cotidiano do botequim.

Já é tarde, e a mãe responde ao menino com um “sossega garoto” e talvez até um leve tapa - que do quarto não faz muito estalo. Da cama, elas gargalham e resmungam ao avistar a cena: Que fofo, de um lado. Que saco, do outro. O vozerio inflamado dos homens forma um som tão uniforme que ao invés de abafar o ruído infantil, destaca-o. A criança - sacolejando a mãe que, distraída, pede mais uma cerveja - agora faz parte da paisagem. Cala a boca menino, uma pensa em gritar da janela, enquanto a outra ri e lembra de ser criança...

“Tenho saudades de ser criança” diz. A frase incitada pelas súplicas do menino - que perturba a mãe esgarçando seu vestido de tanto puxar - ecoa no quarto e naquela conversa já contaminada pelo tardar da hora e pelas taças de vinho em mãos. Breves e despreziosas palavras vindas da amiga atizam o pensamento rumo a novos tempos.

Em um segundo, a outra se dá conta de que nunca havia pensado sobre isso. Não sabia se tinha ou não saudades de ser criança. Como isso era possível? Talvez, já capturada pelo mundo enrijecido dos adultos, e habituada à dureza cotidiana das intermináveis reuniões - até as supostamente revolucionárias sempre conduzidas pelo som infindo de tantas e tantas palavras de ordem -, algo da infância lhe escape.

Afinal, o alvoroço de uma corrida, a cantiga de rua que todos querem cantar, as vozes que se entrelaçam como anzol, os corpos brincantes que se jogam nas valetas, o desejo de cidade onde nunca se canse (KAFKA, 1994), toda essa força infante contrasta com a seriedade de corpos que por vezes mais parecem “máquinas que batem umas contra as outras” (PASOLINI, 2019, p.3). Se é nos movimentos sociais que encontra brechas e respiros, sabe que é também nestes espaços que se engendram corpos-máquinas, aptos a produzir sem parar e munidos de uma força quase bélica.

Acostumada, portanto, à tal dureza, assustou-se com aquela afirmação tão natural de quem sabia exatamente do que sentia falta: do brincar, do correr, dos gestos leves, da palavra ingênua e de um fingir legítimo, permitido somente a quem ainda é criança. Essa criança que goza da “faculdade de se interessar vivamente pelas coisas, mesmo pelas mais triviais em aparência” (BAUDELAIRE, 1993, p. 223). Constrangida pela civilidade sóbria do mundo adulto, não era capaz de perceber a infância que escapa “para fora do enquadramento opressivo” (BINES, 2019, p.5). Do corpo bélico às forças infantis, que linhas podemos traçar?

Atiçada pela frase da amiga e pelo resmungar do menino, quis então lembrar de ser criança. Força o pensamento para trás em busca de respostas, enquanto do lado de fora a criança ainda chora e ri pedindo à mãe com jeitinho por mais minutos na rua. Força, mas a infância que lhe vem tão embaçada, escorregadia por entre os pensamentos, é boa? A saudade certa da amiga parece lhe obrigar a testemunhar uma infância feliz.

Mas talvez não tivesse tido mesmo uma infância tão gloriosa, ela ousa pensar. Talvez por isso suas lembranças infantis não fossem dignas dessa saudade tão certa que a outra ali lhe confessa com brilho nos olhos. Todavia, não lhe vêm memórias tristes, nada que predomine no pensamento e a faça lamentar aquele tempo.

Lembra, pois, da casa da vó que lhe abrigou na infância e com certo esforço narra à amiga o corredor comprido que liga as três casas no mesmo quintal onde ela vivia a inventar suas tolices de criança: o grande campeonato atlético que se repetia semanalmente e exigia que a mãe lhe costurasse roupas dignas de uma ginasta olímpica. Tinha dúvidas se a mãe um dia soubera costurar, mas o macacão listrado e justo no corpo com a bandeira do Brasil no peito era tão vivo em seu pensamento que podia apostar que sim, a mãe o teria costurado inteiro à mão; as arapucas de pegar rolinhas espalhadas pelo quintal demandavam não só pedaços de madeira aliados a panelas velhas, mas também um chapéu esverdeado que lhe emprestava tons de caçadora. Teria, de fato, em suas armadilhas, alguma vez, capturado algum pássaro?

Já não sabia mais. “É complicado separar o que aconteceu daquilo que poderia ter acontecido<sup>6</sup>”, anuncia o livro jogado na cabeceira da cama. Para Rancière (2005, p.59):

Não se trata de dizer que tudo é ficção. Trata-se de constatar que a ficção da era estética definiu modelos de conexão entre apresentação dos fatos e formas de inteligibilidade que tornam indefinida a fronteira entre razão dos fatos e razão da ficção e que esses modos de conexão foram retomados pelos historiadores e analistas da realidade social. Escrever a história e escrever histórias pertencem a um mesmo regime de verdade.

Ao passo em que se empenha em contar os detalhes de sua meninice, sente suas lembranças escaparem de si mesma, desestabilizando qualquer privatismo da história e a obrigando a abandonar a segurança de um passado cristalizado para mergulhar na superfície de histórias singulares. “Essa é uma das estranhezas, ou melhor, das pretensões da narrativa. Ela só “narra” a si mesma, e essa relação, ao mesmo tempo em que se faz, produz o que conta[...]” (BLANCHOT, 2013, p. 9). E assim, as histórias se inauguram ali, no instante mesmo do contar, entrecruzando passado e presente.

Entre as inúmeras brincadeiras da infância, recorda o beiral estreito da janela que ligava a pequena sala escura à varanda de azulejos brancos e pequeninos. Do lado de dentro, as luzes quase sempre apagadas, os móveis limpos e o cheiro de peroba impregnavam o lugar, revelando o ar de sobriedade da sala de estar. Do lado de fora, o clarão do dia e os inúmeros brinquedos espalhados pelo chão enchiam de alegria e desordem a varanda comprida. Ao fundo ainda podia ouvir ressoar a voz aguda da mãe obrigando-a a arrumar tudo. E logo, menina!

Porém, as cores, o som, o cheiro, tudo aquilo lhe vem sem ofertar certezas. Talvez fossem as taças de vinho turvando as lembranças. Talvez a idade já começara a apagar as recordações. Repara nos olhos atentos de quem lhe ouvia narrar as memórias da infância e se sentia um tanto constrangida com a cena. Constata inverdades em suas próprias palavras. O cheiro forte, os contrastes da luz, os pássaros, a voz aguda da mãe, aquilo tudo era real? Suas palavras forjavam um passado incerto. Mas, afinal

Mesmo que o passado tenha realmente acontecido e deixado no presente marcas reais de uma existência, nada garante o estatuto unívoco de tal realidade. Ela só pode ser postulada, mas nunca se pode rigorosamente demonstrar, como num axioma de geometria, que apresentou somente e unicamente, tais qualidades e não outras. A “descrição” do passado é uma construção que obedece a interpretação de rastros de diversa ordem (documentos, arquivos, testemunhos etc.) e a injunções singulares de

---

<sup>6</sup> Fragmento do texto da contracapa do livro “Conspiração de Nuvens” de autoria de Lygia Fagundes Telles (TELLES, 2007) sem autoria referenciada.

enunciação, ligadas ao presente específico do historiador” (GAGNEBIN, 2011, p. 160).

Sente-se encurralada em um Beco da Memória onde: “as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas” (EVARISTO, 2017, s/p). Encoraja-se e segue então, no bojo das indefinidas lembranças:

*Naquele vão alto e sem cortinas que separava os dois ambientes da casa antiga, meu pai quase sempre deixava esquecida sua máquina de escrever. Eu olhava com curiosidade para aquela máquina grande e barulhenta repousada na janela. O som; o brilho das teclas sempre limpas; a pequena alavanca do lado esquerdo, tudo me parecia sério e distante demais, tal qual a imagem do meu pai sentado à mesa da sala datilografando calma e misteriosamente textos que eu sequer sabia do que tratavam.*

*Nos intervalos, era quando ele limpava a mesa e apoiava a máquina de escrever na janela. Nunca soube se por esquecimento ou provocação ele a deixava ali naquele beiral estreito onde eu costumava brincar. Em dias de chuva, subir na janela era como subir em árvores. Eu encarava a máquina com um misto de medo e admiração. Rodeava, rodeava, entretanto, não ousava me aproximar dela na frente do meu pai.*

*Mas, mal ele saía de casa, num impulso de coragem eu me equilibrava na janela, ajeitava as roupas, prendia o cabelo, esticava a coluna e com firmeza encarava aquelas inúmeras teclas a minha frente. Algo de novo se inaugurava. Eu datilografava devagarinho para evitar que o barulho me denunciasse. Copiava de um livro palavras de difícil pronúncia e assim passava tardes inteiras fingindo ser outras.*

*Papai só retornava quando eu já havia descido. Nunca me flagrou. Era uma espécie de permissão disfarçada o que nos unia. Eu trocava carrinhos e bonecas para me tornar outrem junto à máquina de escrever, horas e horas me dedicando a textos complexos e fantasias infindas.*

Um novo mundo se abria a cada vez que do alto da janela ela tornava-se outra. Mas, no segundo mesmo em que alçava voo ao alto da janela, pulava de volta ao chão para retornar a ser caçadora de passarinhos no quintal, ginasta olímpica no sofá e tantas outras que havia sido e já não lembrava mais. Do alto daquela velha janela, pulava de um cômodo a outro, transitando entre mundos distintos.

Agora, anos depois, o vinho, o quarto pouco iluminado, o brilho nos olhos da amiga, o resmungar do menino que invadia a cena e as lembranças quase bobas da infância lhe fazem afirmar com certeza: “Não tenho saudades de ser criança”, dava-se conta. “Mas tenho saudades de pular aquela janela, de saltar”.

Conversam, embriagam-se e folheiam os livros jogados sobre a mesa. Artigos sublinhados, livros emprestados. A luz do quarto apagada e a penumbra acendendo os pensamentos. Histórias, lembranças, invenções. Memórias inacabadas. Para Gagnebin (2011, p.16):

[...] a exigência de rememoração do passado não implica simplesmente a restauração do passado, mas também uma transformação do presente tal que, se o passado perdido aí for reencontrado, ele não fique o mesmo, mas seja, ele também, retomado e transformado.

Do quarto, levemente embriagada, debruça-se na janela em busca do menino que já havia um tempo não mais chorava. Percebeu que ainda estavam lá embaixo, os dois, menino e mãe. Ela com um copo de cerveja nas mãos. Ele a brincar com pedras e galhos que na calçada se espalham. Havia enfim, a mulher, cedido aos apelos do filho ou apenas a mais um casco de cerveja?

O menino sentado na calçada boêmia passa despercebido aos adultos que ali transitam. Exceto, vez ou outra, quando alguém tropeça em seus pés e lhe oferta um sorriso complacente ou direciona um olhar crítico à mãe. Agora seu corpo todo está à mostra. Mas as pequeninas mãos continuam a chamar atenção. Sujas de terra, elas firmam galhos sobre uma pedra e o fazem girar imitando o movimento de uma hélice. Na palma da mão, a pista de pouso. Da sua boca, um sopro forte imita uma ventania que abala o helicóptero feito de resíduos urbanos. Não se trata de imitar o mundo adulto, mas de inaugurar uma relação nova e original com os restos. Um microcosmos no macrocosmos (BENJAMIN, 1987).

A voz chorosa do menino fica para trás dando espaço para o “tectec” infindo das invisíveis hélices a girar no ar. Das pedras, dos galhos e da imaginação um inteiramente *novo* é fabricado. (BENJAMIN, 2017). Ao olhar do alto o menino brincando no chão, ela percebe que, mesmo sem sair do lugar, ele havia saltado.

Volta-se para dentro do quarto, olha os livros empoeirados na cabeceira, a garrafa de vinho quase finda, mira nos olhos de quem lhe acompanha e com quem compartilha os últimos goles e pergunta com franqueza: você, tão saudosa da sua infância, ainda é capaz de pular essas janelas?

## [NA RUA: UM LIVRO]

Do segundo andar ao terminal rodoviário são apenas vinte minutos. Caminha sem pressa, pois, assim como ela, o seu ônibus sempre sai atrasado. Deve ser o único, pois, ao redor, todos correm. É cedo, mas o sol já brilha no céu. Chega a tempo de comprar uma porção de pão de queijo, um tanto murcha, mas deliciosa. O polvilho seco e o queijo quente têm o sabor das manhãs. Todas as manhãs. Entre um café fraco e um cigarro forte, filtro vermelho, avista a estante empoeirada da singela livraria. É uma loja pequena e um tanto decrépita que resiste dentro do espaço reformado da rodoviária. Hoje vende mais doces e biscoitos do que qualquer outra coisa.

Nunca havia se dado conta, mas os poucos livros empilhados nas prateleiras, aqueles que ainda não perderam espaço para as *magazines* da moda, são versões *pockets* de romances e grandes clássicos da literatura brasileira. Não sabe se as versões resumidas se propõem a ocupar pouco espaço dentro das bolsas ou dar a impressão de uma leitura veloz, um “estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera” (LARROSA, 2015, p.22). Fato é que, enxutos e compactos os livros atualizam o corre-corre pertencente ao local.

Escorre os dedos por entre os livretos empoeirados até se deparar com a coletânea Viver & Escrever, que reúne uma série de entrevistas com autores brasileiros. A associação entre vida e escrita é suficiente para despertar o interesse matutino. O ônibus enfim vai sair e ela rapidamente cata uns trocados para comprar o livro que lhe fará companhia durante as prováveis horas de engarrafamento. Diariamente de casa ao trabalho, do trabalho à casa, o trajeto nem é tão longo, mas o trânsito intenso.

Em geral se distrai com o *smarthphone* tela 6 polegadas que treme sem cessar anunciando mensagens da chefia - todo os dias, a partir das seis. Um documento para assinar, um atendimento inadiável, uma discussão de caso, uma visita domiciliar. Tudo aquilo que excede as horas do dia e não pode esperar. Ou, o excesso de trabalho que faz rara a experiência (LAROSSA, 2015). Não sabia se por descuido ou pretexto hoje o celular ficou em casa e ela decidiu não voltar para buscar.

A julgar pelo seu lugar no meio da fila sabia que teria a chance de ir sentada. Pois bem, janela, que sorte. Entre uma página e outra, poderá olhar a rua. E ainda que o sol já avance por todos os bancos restantes da esquerda, pelo menos, não precisará sacolejar em pé. Pede licença ao homem que ocupa a cadeira do corredor e se senta. Ele fala sem parar balançando um jornal nas mãos e indagando a ela sobre o último jogo, o último capítulo

da novela e o último escândalo presidencial. Afinal, “informados sobre qualquer coisa, nós opinamos” (LAROSSA, 2015, p.21). Ela sorri e sutilmente vira o rosto em direção à rua. Abre o livro como quem não quer conversa e folheia lentamente os capítulos.

O ônibus ainda não havia arrancado. Deixa que a luz do sol esquite as páginas empoeiradas: é uma espécie de aquecimento para as viagens que virão. Sem muitos critérios ou preferências, inicia pela primeira entrevista. Dúvidas, curiosidades e tudo aquilo que você sempre quis saber sobre os grandes nomes da literatura brasileira. Uma espécie de *quizz* mais elaborado e dirigido a grandes escritores. Distrai-se com as entrevistas enquanto carros buzina do lado de fora e o sol aquece seus braços.

Um tanto de graça, um tanto de tédio. Quando e como começou o interesse pela escrita? Que rituais estão nele envolvidos? Houve apoio da família? De onde vem a sua inspiração? Mote lançado em busca do íntimo da autora ou a velha questão colocada aos escritores: como é seu processo de criação? Se lhe servem como entretenimento à viagem enfadonha as perguntas também deixam escapar certo tom inquiridor. O entrevistador segue interessado nos processos singulares de escrita e na gênese talentosa de cada entrevistado. Ela também.

“Roía as unhas? Não sei, vejo-a tão secreta, se escondia dos outros, até de mim” (STEEN, 2008, p.146). Surpreende-se com a resposta de Lygia Fagundes Telles, uma das autoras entrevistadas na coletânea. Àquela altura - tão ávida quanto o entrevistador - esperava por detalhes que revelassem a infância da autora, seus mistérios, seus anseios. A natureza do dom da escrita, os segredos metodológicos e tudo aquilo que viesse traduzir sua mais nobre essência artística. Infância, vocação, desafios, hábitos, motivos:

É como se, no fundo, todos os leitores imaginássemos, platonicamente, que existe um grande depósito de ideias. Os mortais comuns se limitariam a pegar as mais óbvias, ao alcance de qualquer um, enquanto alguns privilegiados conheceriam os segredos para chegar aos cantinhos mais obscuros e recônditos, de onde seriam capazes de trazer originalidades insuspeitadas pela maioria: a matéria prima da criação, em estado bruto (MACHADO, 2009, p. 126).

Mas ao passo que a autora faz de si sua própria personagem, as expectativas levadas adiante pelo entrevistador iam pouco a pouco sendo quebradas. Quando criança, Lygia afirma que “compôs uma valsa que se chamava Coração de Lili Alegre, sim, mas vendo hoje seus retratos, descubro em todos o mesmo olhar triste – ela era triste?” (STEEN, 2008, p.150). A pergunta ressoa sem respostas. Era a tristeza matéria-prima para

composição? A imprecisão, a conjugação dos verbos e a riqueza de respostas conciliam um tom tão inventivo quanto inexato provocando inquietações na leitora.

De repente, o ônibus freia abrupto e o livro lhe escapa às mãos. Estava distraída, imersa nas páginas miúdas com selos de papel reciclado. Olhares impacientes a repreendem, o ônibus está lotado e o livro atinge alguém. Era como se diante daquela leitura - de um texto rachado, cheio de brechas - seus dedos também tivessem se tornado mais imprecisos, vacilantes. Algo lhe havia acontecido. E ela sabia que “a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LAROSSA, 2015, p.18). Entre os corpos que se espremem em pé alguém tateia o chão até resgatar o livro que agora carrega além da poeira algumas marcas de sapatos. Envergonhada, ela agradece e sorri.

Já está a um ou dois pontos do seu local de desembarque e se prepara para saltar. O estômago um tanto embrulhado. A cabeça dolorida. Era o sacolejar do ônibus ou das palavras? Os limiares imprecisos entre aquilo que era lembrado e aquilo que era inventado<sup>7</sup>, confundiam a leitora quanto à obra de Lygia, mas a faziam crer que:

De qualquer maneira, o que importa nessas lembranças parece ser menos a memória detalhista de uma reconstituição exata (embora o magnífico olhar da autora seja minucioso nessa área) e mais a invenção que se intromete de modo inesperado, acrescentando novos significados à placidez da rotina. (MACHADO, 2009, p. 128).

Guarda o pequeno livro na mochila e caminha até a porta de trás. Desce as escadas com pressa querendo se livrar do mar de gente que ocupa o ônibus e do suor que logo cedo já contamina seu corpo. Agora eram quinze ou vinte minutos de caminhada até seu local de trabalho. O trajeto ela já conhecia muito bem: a rua que sobe, a rua que desce, a avenida extensa e pouco arborizada e, por fim, a rua da padaria que fazia esquina com o CAPS. A mesmice de um caminho sempre marcado pela pressa. Mas hoje não. Hoje vai demorar. Vira a rua, envereda por outra avenida. Troca o itinerário, inventa.

O pensamento ainda atado ao pequeno livro a faz andar lentamente. Por instantes, esquece do aparelho que lhe aguarda no local de trabalho: a máquina que irá capturar suas digitais e fiscalizar seu atraso. Dane-se. Anda devagar, entretanto o andar demorado diz mais de instiga do que de preguiça, de curiosidade que de apatia. Caminha chutando

---

<sup>7</sup> Na obra da autora, é de grande destaque o ciclo denominado Memória e Invenção - iniciado em 1980 com o livro *Disciplina do amor* e encerrado em 2007 em *Conspiração de Nuvens*.

pedrinhas que compõem as calçadas esburacadas do subúrbio. Sobe o meio fio. Equilibra-se com um pé só. Entorta. Equilibra. Desce. Desliza... mas quer mesmo é saltar.

E se impõe a si mesmo outro ritmo não é porque o relógio lhe dá alguma folga mas porque ensaia “um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar” (LARROSA, 2015, p.25).

Sabe que não é feita de mentiras a matéria-prima que Lygia manifesta em suas respostas, nem tampouco é a descrição exata da realidade. Mas o que se produz entre o exercício de rememoração e as imposições do presente? E, o que a infância de Lygia empresta à trabalhadora sempre atrasada? A deriva entre imagens, acasos e sonhos, a exploração da memória como vertente privilegiada da criação literária. Distante de um estado de sacralização do passado, escritos que se entregam ao inesperado (MACHADO, 2009)

E assim, Lygia

[...] parece vogar ao sabor das reminiscências vagas de episódios autobiográficos (da infância, adolescência, juventude estudantil e vida adulta), [...]. Mas de repente faz com que neles incida o relâmpago de uma ruptura evidentemente inventada, e essa faísca os ilumina e promove a ficção (MACHADO, 2009, p.129).

Pedras. Buracos. Ladeira. Sol. Olha ao redor e percebe que ainda faltam duas quadras até chegar ao seu destino. O suor pinga do rosto e ela desconfia que escrever em um estado de deriva talvez seja mais fácil que caminhar a esmo nas ruas do Rio de Janeiro. Será? Olha o relógio e aperta o passo. Avista de longe a fachada azul do CAPS. No muro as mesmas cores. Na portaria as mesmas pessoas. Mas, no corpo, a sensação de que algo havia se passado, e “é a experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma” (LARROSA, 2015, p. 28).

\*\*\*

[NO QUARTO: EMBRIAGUEZ]

**Querida Lygia,**

Esta não é uma carta de amor, tampouco de idolatria. Não pretendo desenrolar fios de admiração ou tecer críticas aos seus textos. Isso fica pra outra hora. Mas desde que seu

livro voou das minhas mãos atravessando o ônibus, eu sinto necessidade de te escrever. Não, não se engane, não vim em busca de respostas, o que eu quero é outra coisa.

O leitor é meu cúmplice, você disse certa vez. Aceito e então esclareço: esta é uma carta de cumplicidade. Da parceria terna que cultivo por suas palavras, mas também, e sobretudo, da conivência duvidosa, da coautoria em atividades suspeitas. daquelas que vêm romper com a ordem das coisas.

São quase dez da noite e te escrevo do meu quarto. Rio de Janeiro, Lapa. O andar é baixo e o prédio é barulhento. Passei o dia inteiro em frente ao computador tentando dar conta de e-mails, narrativas e documentários. Pesquisa e prazos, sempre apertados.

Claro, fiz alguns intervalos breves. Pedalei cerca de meia hora por entre o trânsito do centro do Rio. Não é fácil, carros e ônibus parecem raivosos, mas é bom ver a cidade de outro ângulo. E, confesso, certa arrogância me invade quando ultrapasso a fila de carros parada no sinal. Sorrio.

O prazer me vem porque, mais que o itinerário, eu ultrapasso os rostos estressados ou completamente alheios, imersos no ar condicionado de seus veículos trancados. De bicicleta eu me arrisco, a rua é perigosa. É sempre perigosa, eu sei. *Precisa ter olhos firmes.* Mas é bom ver o movimento de outro ângulo.

Escrevo com fones em meus ouvidos. Eles tocam o que chamo de canções de bloqueio. Tento evitar o som que vem das ruas com *playlists* que evocam a concentração. Ondas sonoras, sons de pássaros, chuva e trovoadas. Me disseram que acalma. Será?

Às vezes funciona, mas agora eu ouço a mulher que grita na rua. Sua voz eu já conheço, sua imagem também. E, mesmo que me recuse a abrir a janela, eu posso vê-la: pés descalços e sangrentos, unhas enegrecidas, mas uma roupa impecável,

limpa e clara. É um vestido comprido, que tapa todo o corpo, braços e pernas. O cabelo grisalho amarrado com um coque. Pelo volume, acho que é comprido, mas nunca está solto. Nas mãos uma bíblia rosa já desgastada pelo tempo. A bíblia da mulher que ora, está escrito na capa.

Ela para em frente ao bar que fica abaixo da minha janela. Eu não a vejo, não levantei da cadeira até então, mas sei que ela está lá. Ou quem sabe esteve. A proximidade com o botequim faz com que vozes, batucadas e o cheiro de fritura invadam meu quarto, contaminem meus móveis. Do lado de dentro, tudo cheira a rua. E confesso que as cervejas geladas também ficaram mais próximas desde que vim morar aqui. É o Rio de Janeiro, Lygia. Embriagar-se é preciso.

A mulher para em frente ao bar e encara os pecadores. Vagabundos inúteis que vão queimar no fogo do inferno, ela repete. Não sei se ela está lá, mas posso ouvi-la. O messias voltará, ela anuncia, e todos vocês serão julgados. Pisoteia o chão como quem dança clamando aos céus. Seu corpo baila enquanto invoca a justiça do Senhor. É loucura?

Faz dos braços uma metralhadora e dispara em direção a cada um que ali está. Justiça divina, ela diz. Sua boca emite o som dos disparos. Todos riem. É uma piada, alguém exclama. A mulher é uma grande chacota. Com os dedos em riste ela dispara. Dispara. Mas são disparos da salvação. Tiros de misericórdia. Ou, quem sabe, as famosas armas pela vida<sup>8</sup>.

Enquanto ela emite seus gestos de acusação fatal, homens gargalham sem cessar. Riem. Debocham. Quero aumentar o volume das ondas alfas e esquecer o que vem de fora. Mas algo insiste em escutar o som que vem das ruas. Gritos e gargalhadas se misturam às trovoadas que ecoam no fone de

---

<sup>8</sup>Armas pela Vida é uma iniciativa de cidadãos brasileiros que defendem o direito ao armamento civil. Ver mais em: [https://www.facebook.com/pg/ArmasPelaVida/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/ArmasPelaVida/about/?ref=page_internal). Acesso em: 04 jun. 2019.

ouvido. O som está difuso. E eu já não sei se há alguém no bar.

Te escrevo em certo grau de embriaguez, é verdade. Na escrivaninha uma garrafa de vinho já pela metade. Como posso beber enquanto escrevo? Meus olhos estão fechando, as palavras estão um tanto embaralhadas, mas é que o álcool também me dá outros ângulos.

Louca, ouço gritarem. Louca, puta, vadia, eles repetem. De um lado, ela prevê o inferno aos pecadores e anuncia versículos em voz alta. Do outro, alguém sugere chamar a ambulância. Você sabe do que eu estou falando: "internam tudo, a gente não pode" (TELLES, 1985, p. 48). Mas já não sei se eles estão lá. E pouco importa se a rua está deserta, se é embriaguez ou lembrança. Mantenho a janela fechada, quero ver de outro ângulo.

Você evoca a cumplicidade dos leitores. Eu ensaio parcerias. Teus personagens distantes de qualquer tom maniqueísta. Teus finais sempre inacabados. A instiga vem das incertezas e ao leitor resta encaminhar as histórias. É sua tarefa, é a vida. "Eu venho até aqui com você, agora daqui pra frente é a vida. A literatura termina aqui e começa a vida<sup>9</sup>" (A INVENTORA, 2007).

As histórias se complexificam e ao leitor é negada a paralisia cômoda de quem passivamente espera pelo fim das coisas. Benjamin afirmou que "metade da arte narrativa está em evitar explicações" (BENJAMIN, 1987, p.203). O leitor "é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação" (BENJAMIN, 1987, p.203). Início, meio e fim corrompidos. No lugar das conclusões, indagações.

Ao narrador é dada a tarefa artesanal de trabalhar e esculpir tudo aquilo que lhe toca, toda experiência que lhe

---

<sup>9</sup> Fala do escritor Luiz Ruffato retirada do documentário *A inventora de memórias* que reflete sobre a obra de Lygia Fagundes Telles.

passa, como matéria prima de suas histórias (BENJAMIN, 1987). Mas o que dizer da tarefa do pesquisador, quando “mergulhado nas linhas do presente, é por elas inquirido?” (MIZOGUCHI, 2015, p.202). Ou, o que fazer quando o som que vem das ruas invade o quarto?

É bem verdade que, ao ficcionar, você Lygia compõe “as texturas que dão densidade ao real” (MACHADO, 2009, p.128). Faz da experiência essa matéria-prima valorosa, manuseada sutilmente pelas mãos de uma artesã. E ao entrecruzar memória e invenção, faz da ficção aquilo “que não aconteceu nunca mas poderia acontecer um dia” (MACHADO, 2009, p. 127). Ou, “Mundos mil que não são, mas poderiam ser!” (COSTA, 2014, p.553).

E as incertezas que ressoam no final de cada história, de cada laço bem feito entre memória e invenção, você parece responder a nós, cúmplices-leitores, que “ não vale a pena se preocupar, está tudo misturado. Uma coisa se dissolve na outra. A memória não é objetiva, ela inventa, seleciona, elimina, burila, lixa, tira o supérfluo, semeia, cria o que lhe apetece” (MACHADO, 2009, p. 131).

Nada mal, afinal: “isso é a riqueza do ficcionista e o escritor é tanto mais sutil quanto mais ele introjeta no leitor o sentimento de que o leitor pode buscar, pode colaborar com o autor ao buscar soluções para alguns personagens<sup>10</sup>” (A INVENTORA, 2007).

Mas daqui de onde te escrevo, de uma escrivanhinha cheia de livros, vejo nascer um abismo. A distância que separa ficção e pesquisa é aquela que exige dos fatos pureza e veracidade, pois:

Conforme reza a tradição, é necessário avaliar se a técnica de coleta de dados através da qual a pesquisa é realizada tem validade e fidedignidade, se a amostra é selecionada de forma adequada e garante

---

<sup>10</sup> Fala do professor e escritor Fábio Lucas retirada do documentário *A inventora de memórias* que reflete sobre a obra de Lygia Fagundes Telles.

representatividade em relação à população, se os recursos utilizados para a análise dos dados são pertinentes - em suma, se são capazes de levar o pesquisador a descobrir e enunciar a verdade (MIZOGUCHI, 2015, p.201).

Mas como insistir na pureza de um grito que eu sequer sei se escuto? É loucura o que vem das ruas? Sim? Então, quem perdeu a razão? Como distinguir o som dos pássaros da voz que clama o fim dos pecadores? Como traçar o corte entre o cheiro de fritura e o cheiro de esgoto? Não posso. A janela ainda está fechada. Quero ver de outro ângulo.

Para tanto, assumo a cumplicidade que você reclama. Porém, mais na ação conivente de um ato suspeito que na parceria harmoniosa entre as palavras. Afinal, aqui é com o leitor. Aqui começa a vida. Vida que invade o quarto: insultos. Risadas. Pisadas fortes no chão. Uma Bíblia sacudida ao alto e um corpo a sacolejar.

Encho a quarta taça de vinho, mas meus olhos estão cada vez mais atentos. Posso ver: ela tem as unhas sujas e o vestido limpo. O rosto jovem apesar de sisudo. O cabelo comprido, mas preso. Os pés sangrentos e a face imaculada. Ela é Lia, Ana e Lorena<sup>11</sup>. Ela não é boa nem má.

Maluca, um homem grita. Ma-lu-ca! Repete alta e pausadamente. Não há mais para onde escapar. Doida de um lado. Pecadores do outro. Vejo-a girar pela calçada e ouço o som do que parece uma mesa indo ao chão. Está irada. Vai procurar um marido, ele lhe diz! E todos aplaudem. Ainda estou com o fone no ouvido. Agora toca Mozart. Mozart para estudar, concentrar e memorizar, promete o *Youtube*.

Mas, apesar de concentrada, ouço o estalar de cada palma que vem da calçada. Está cada vez mais alto. Espero pelo pior. Pressinto tapas e berros. Mas, no soar frenético daquelas palmas, a mulher não briga, ela dança. Balança o corpo e sorri. Por instantes, parece esquecer de todo o

---

<sup>11</sup> Lia, Ana e Lorena são personagens do livro *As Meninas* de Lygia Fagundes Telles.

inferno prometido aos boêmios. Ela ocupa o bar. Rodopia e sorri sem parar. Desdenha de quem parece estar eternamente atado às cadeiras, observando sem se mover. Do quarto, movo-me junto a ela, que sequer sei onde está. Mas ela ri. E dança. E ri.

Gritos. Sorrisos. Aplausos. Loucura, embriaguez ou razão. Tudo ecoa no abismo que me separa da ficção. Entretanto, o que resta à pesquisa quando olhamos para além do verdadeiro e do falso? Ela não é boa nem má. Fidedignidade e replicabilidade abaladas. Ela não é boa nem má. Complexidade e sutileza intensificadas. Embriagada, intento novas possibilidades de produção de conhecimento (COSTA, 2014).

Se me interessa a posição de cúmplice, não é para com isso encerrar a vida e suas histórias. Se intento fazer do exercício de ficção um exercício de pesquisa não é para "exaltar o falso à custa do verdadeiro, mas sim [...] sugerir que a ficção é o meio mais apropriado para tratar as relações complexas entre o verdadeiro e o falso" (SAER, 2009, s/p.). Tratar essa "tensão íntima e decisiva" (SAER, 2009, s/p.) entre aquilo que aconteceu e aquilo que poderia ter acontecido.

Por aqui, as horas avançam. E de algum jeito, eu danço. Na garrafa, um último gole de vinho me molha a boca. Uma luz invade o quarto e pisca incessantemente. Entra pelas brechas e se espalha pelos móveis. Estou embriagada. Pode ser a ambulância. Mas por que não seria a luz vinda do céu? É chegada a hora do juízo final? Definitivamente, estou embriagada.

Enquanto te escrevo estico o braço a fim de abrir a parte interior da janela. O ar entra e os cheiros se multiplicam. Agora resta o toldo mal-acabado que encobre a cena. Levanto, estico o braço e escancaro. A janela enfim está aberta. Totalmente aberta.

Mas, se eu abro a janela por completo, não é com a pretensão de enxergar a verdade dos fatos, descobrir se a mulher é louca. Afinal, quem não é? Tampouco pretendo desvendar a origem da luz que por aqui se alastra. Meus olhos também não julgarão o pecado dos boêmios. Estão embriagados? A essa altura, quem não está?

Se eu abro a janela, é para continuar interpelando o que vem das ruas. É para - como militante, trabalhadora e pesquisadora - saltar. Ou, - como criança, bêbada e louca - pular. Abrir espaço. Saltar do alto do segundo andar para inventar mundos outros e fazer da ficção uma ferramenta de indagação.

Já que,

não se escrevem ficções para se esquivar, por imaturidade ou irresponsabilidade, dos rigores que o tratamento da "verdade" exige, mas justamente para pôr em evidência o caráter complexo da situação, caráter complexo que o tratamento limitado ao verificável implica uma redução abusiva e um empobrecimento. Ao dar o salto em direção ao inverificável, a ficção multiplica ao infinito as possibilidades de tratamento. (SAER, 2009, s/p.)

Nos limiares entre experiência, memória e ficção, jogo-me em uma convivência duvidosa com suas palavras. Nem boas nem más. Nas vielas da cidade carioca - tão maravilhosa quanto cruel - me arrisco. E, se, aliada à ficção, ensaio desestabilizar o lugar inerte da pesquisadora que passivamente observa o mundo é para, então, cavar brechas e continuar indagando: **como [hoje] é possível almejar, sonhar e lutar por uma sociedade sem manicômios?**

**Beijos ébrios,**

**Sua cúmplice.**

\*\*\*

### 3 ITINERÁRIOS

[CINELÂNDIA]

[18 de Maio] **“Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça: por uma sociedade sem manicômios”**. A frase escrita em chamativas letras vermelhas desperta a atenção de quem chega à praça da Cinelândia. Desce as escadas apressada, do alto da janela só se enxergava um borrão de gente, mas, de perto e com os pés no chão, era possível ler a mensagem na cartolina branca e grande pendurada na frente da Câmara dos Vereadores.

Do cartaz, um resto de tinta se deixa escorrer pelo chão e gotas vermelhas sujam a escadaria. De longe, o carmim derramado no chão parece sangue. De perto, também. Vez ou outra um sapato apressado pisa sobre a tinta e pegadas vermelhas se espalham pelos degraus. Sobe, desce, estica de um lado, puxa do outro, o varal de cartazes é um colorido obstáculo aos transeuntes apressados, mas poucos enxergam suas cores.

Condenados a seus reflexivos gestos, os pedestres, tal qual no conto de Allan Poe (2008, p.259): “tinham um aspecto prazerosamente comercial e pareciam pensar apenas em abrir caminho através da turba”. Ou, como para Walter Benjamin (1989, p.126) escrevendo sobre o mesmo conto, “seus transeuntes se comportam como se, adaptados à automatização, só conseguissem se expressar de forma automática. Seu comportamento é uma reação a choques”.

Da escadaria da Câmara, sobe e desce gente séria e sisuda. Representantes da administração municipal cercados por seguranças mal-encarados esbarram em trabalhadores, usuários e estagiários da rede pública de saúde mental, assim como em simpatizantes da causa antimanicomial que:

se dirigiram ao mesmo ponto da urbe a fim de, juntos, cada qual a seu modo e com suas implicações, afirmar que lugar de loucura não é, não pode ser, não pode continuar sendo no manicômio – que lugar de loucura é e só pode ser na cidade (MIZOGUCHI,2017,p.317).

Na esquina do antigo cinema - um dos poucos que ainda resistem nas ruas da cidade -, o zumzumzum de um famoso festival reúne atores e produtores. Elegantes, exibem seus vestuários modernos e descontraídos na porta do prédio antigo. O que passa no telão enquanto corpos se reúnem para dizer não ao manicômio?

Os bares lotados de gente desfrutando de *happy hours* sem fim. Um menino vendendo balas aos boêmios. Na lateral da Câmara, a fila da famosa pipoca já dobra a esquina e o cheiro de bacon já toma a praça. Trabalhadores exaustos aguardam sua vez para lanchar. Os que fazem morada em bancos e papelões espalhados pela praça se aproximam do burburinho que toma a urbe. A mistura desordenada de corpos que ali aos poucos se faz parece destoar da “utopia da cidade perfeitamente governada” (FOUCAULT, 1987, p. 164).

Tudo passa ao mesmo tempo e a toda hora. A frase do cartaz principal está também espalhada em camisetas e adesivos. **Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça: por uma sociedade sem manicômios.** Para todo lado que se olhe, invita um apelo ao passado: o horror do hospício não pode ser esquecido, o horror do hospício não pode ser repetido. Após mais de trinta anos de Reforma Psiquiátrica Brasileira, hasteia-se na escadaria central do Rio de Janeiro uma bandeira em prol da memória. Memória da luta por uma sociedade sem manicômios.

É uma aposta no exercício de lembrar. De não deixar cair no esquecimento a luz que só entra em frestas pelas grades, os gritos que se agudizam à noite quando ninguém os ouve, as marcas vermelhas nos pulsos e nos tornozelos, o andar cambaleante de quem vive dopado e o branco reluzente dos jalecos que esbanjam verdades. Tudo aparentemente guardado no grande baú do passado, quando o sistema de tratamento da loucura ainda era o mesmo da Idade Média: o sequestro (BARRETO, 2010).

A dobradinha “para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça” implica um gesto ético e político, o de que: “o conhecimento do passado tem por alvo não só a si mesmo, numa pretensa objetividade desinteressada, mas muito mais uma relação de intensidade ao passado que possibilite uma atitude e uma ação mais justas no presente” (GABNEBIN, 2011, p.156). Lembrar, pois, para não repetir.

Passa alguns minutos contemplando o cartaz, observando a rua. Tudo acontece de uma só vez. A tinta vermelha pinga incessantemente nos degraus, borrando as letras e ferindo o branco cintilante da cartolina. “Para que nunca mais aconteça”: quanto mais o vermelho escorre mais turvas tornam-se as palavras. No chão, a poeira da rua mistura-se à tinta derramada e dá a ela um tom indecifrável.

Ao redor, o aglomerado de gente se multiplicando. Artistas afeitos a uma sociedade sem manicômios se reúnem ao redor do pequeno palco feito de um tapume improvisado. Às músicas se intercalam poesias e apresentações teatrais. Ambulantes se

juntam ao tradicional festejo antimanicomial e, quanto mais tarde fica, mais cervejas vendem.

Um tom alegre e festivo se expressa em abraços e sorrisos. Velhos amigos, novos colegas de trabalho, estudantes, os que se veem sempre e os que não se veem quase nunca, todos reunidos. No microfone alguém canta uma canção. Do lado oposto da calçada, um bêbado dança ao som do seu radinho de pilha. Ao seu lado, vendedores gritavam cerveja! Cerveja! E, em seus isopores, adesivos estampam sementes de esperança.

Um clima amistoso se espalha pela praça adentrando os bares verde e amarelo das esquinas. E tudo parece se afastar da ideia de cidade que “espalha instituições disciplinares no corpo social, produzindo em larga escala os corpos dóceis aptos à produção e inaptos à insurreição” (MIZOGUCHI, 2017, p.317). A curta caminhada entre a Cinelândia e o Largo da Carioca é o momento mais esperado. E a cada passo que se dá o tom divertido das músicas se intercala à intensidade das falas de denúncia e reivindicação borrando os limites entre festa e manifestação. Talvez fosse uma briga, talvez fosse uma festa.

Os passantes apressados, típicos engravatados do Centro do Rio de Janeiro expressavam certa curiosidade no olhar. Mas não podem se demorar na contemplação do ato. Do escritório ao restaurante. Do restaurante ao shopping. Do shopping ao metrô. Do metrô à casa. É sempre tarde demais.

Se o tempo na modernidade – em particular no capitalismo – encolheu, ficou mais curto, reduzindo-se a uma sucessão de momentos iguais sob o véu da novidade (como no fluxo incessante de produção de novas mercadorias), então decorre daí uma diminuição drástica da percepção sensorial por ritmos diferenciados de transição, tanto na experiência sensorial quanto na espiritual e intelectual. As transições devem ser encurtadas ao máximo para não se “perder tempo”. O melhor seria poder anulá-las e passar assim o mais rapidamente possível de uma cidade a outra, de um país a outro, de um pensamento a outro, de uma atividade a outra, enfim como se passa de um programa de televisão a outro com o mero toque na tecla do assim chamado “controle remoto”, sem demorar *inutilmente* no limiar e na transição (GAGNEBIN, 2010, p.15)

Na tentativa de diálogo com aqueles que passam, pequenas cartas, folhetos e manuais vão sendo distribuídos. O SUS é nosso. Trancar não é tratar. Por uma sociedade sem manicômios. Denúncias, explicações, reivindicações e as famosas palavras de ordem antimanicomiais tentavam sensibilizar e aproximar os passantes afoitos.

Pega um tanto de cartas nas mãos e enfiada no aglomerado de gente, põem-se a panfletar. Distribui sorrisos, tenta sanar as dúvidas, descontraí. Critica o excesso de lucidez tão bem expressa pelos ternos e gravatas apertados. Faz um convite à desrazão. E quando escuta ecoar do microfone palavras clamando liberdade, junta-se aos demais e reforça o coro por elas.

Entretanto não eram só os engravatados que lançam olhares curiosos. A praça está cheia de crianças. Correm, dançam, arriscam batuques nos instrumentos musicais, fazem festa com pincéis e adesivos. Com as mãos encardidas de tinta, correm e gritam ameaçando marcar a todos com suas cores. E, com um pouco menos de pressa que os adultos, um menino lança a pergunta: tia, o que quer dizer luta antimanicomial?

No pensamento de Benjamin, um outro território, ao lado da literatura, ainda resguarda experiências de limiar, o território da infância. [...] A infância é, pois, o país tanto das descobertas quanto dos limiares (GAGNEBIN, 2010, p.17). E contrariando a sucessão imediatista de momentos iguais, todos balizados pela lógica do consumo,

o limiar [*Schwelle*] deve ser rigorosamente diferenciado da fronteira [*Grenze*]. O limiar é uma zona. Mudança, transição, fluxo, estão contidos na palavra *schwellen* (inchar, entumescer), e a etimologia não deve negligenciar estes significados. Por outro lado, é necessário determinar o contexto tectônico e cerimonial imediato que deu à palavra o seu significado. Morada de sonho. (BENJAMIN, 2007, p.535)

Imersos na temporalidade acelerada do Capitalismo, o imperativo “**para que não se esqueça**” parece querer nos alertar sobre o desafio de manter viva a memória em torno das práticas e dos discursos de saber-poder impostos à loucura. Mas, se por um lado, mergulhados em transições temporais encurtadas corremos o risco de negligenciar o passado, resgatá-lo não encerra a questão. Ao contrário, “ouvir o apelo do passado significa também estar atento a este apelo de felicidade e, portanto, de transformação do presente, mesmo quando ele parece estar sufocado e ressoar de maneira quase inaudível” (GAGNEBIN, 2006, p. 12). Ou, “**para que nunca mais aconteça**”.

E antes que ela pudesse responder à pergunta inquietante do menino, gotículas de água começam a cair do céu. A chuva ainda é branda, mas a ventania e o excesso de nuvens anunciam a tempestade que virá. Olha para o alto com o desânimo típico de uma carioca frente a um dia nublado ou um sinal fechado. No Rio de Janeiro ninguém gosta de chuva, é o que dizem.

Sem pensar, corre apressada para debaixo da tenda, tentando proteger a si mesma e ao amontoado de cartas em seus braços. Ambos parecem não poder se molhar. Esquiva-se da chuva em um gesto repentino e deixa para trás a pergunta do moleque. Agora, é ela mesma quem veste um terno e uma gravata apertada. Ela e aquele aglomerado de gente a procurar abrigo contra o grande mal da chuva. Enfiada na pequena multidão, olha ao redor em busca do menino. Ele já não está. Não pode responder.

O céu solta trovoadas, e a chuva antes fina ganha força. Os corpos ficam impacientes. O clima ameno e descontraído vai sendo substituído por corpos molhados e espremidos debaixo de um toldo pequeno. Certa irritação toma conta. O microfone não funciona mais. E qualquer tentativa de ordenação das coisas parece frustrada. O poeta quer ler mais uma poesia. Os trabalhadores ainda têm algumas denúncias. O hip-hop ainda não havia se apresentado. E o bom e velho Sufoco da vida<sup>12</sup> ainda não embala o coro antimanicomial. Mas a chuva não perdoa. E o desânimo vai entristecendo os corpos espremidos debaixo de toldos e guarda-chuvas.

Um ou outro já arrisca ir embora encarando o temporal, mas as enormes poças e bueiros abertos exigem paciência e cuidado. Permanece estatelada, sem coragem de enfrentar a chuva. Espremida. Um tanto paralisada. De longe vê o moleque de novo. Quer gritar para ele o que é o manicômio. Dizer que é um lugar apertado igual àquela tenda. E que as contenções que amarram os braços parecem com a chuva que não deixa a gente se mover direito. E, cariocamente, dizer a ele que a luta é por um pouco de sol.

Não grita, mas ele parece lhe ouvir e corre em sua direção, caçoando de toda gente espremida embaixo dos toldos e beirais da Cinelândia. Ela quer dizer a ele que a chuva está forte e que ele talvez pegue uma pneumonia se continuar se molhando assim. Quer sugerir que se proteja debaixo de algum lugar, que se seque. De novo, veste a gravata e a sente apertar a garganta.

Mas, como num pulo e antes que ela pudesse lhe dizer qualquer coisa, o moleque pega o guarda-chuva das suas mãos e sai pulando no meio da chuva. Um tanto aflita, ela estica os braços tentando pegar de volta o utensílio já meio capenga, desses que carregam uma estampa brega e sobrevivem a apenas um ou dois temporais. Mas o menino corre, corre e gira o guarda-chuva de um lado para o outro, de cima para baixo, como se fosse o objeto mais resistente do mundo.

---

<sup>12</sup> “Sufoco da Vida” é o nome de uma canção do grupo musical Harmonia Enlouquece.

Um tanto desconcertada ela olha nos olhos do menino e pensa que talvez ele não seja carioca. Supõe que aquela alegria imersa nas águas da chuva só pode ser de alguém vindo de outro lugar. Ele que rodopia e gargalha em céu aberto. Pula e sorri sem talvez saber o que era uma sociedade sem manicômios. É uma espécie de frevo fora de época e mal ritmado que ele dança. Gira sem parecer se importar com os olhares ao redor. Ela fita o menino nos olhos e sorri. Ele não a convida para dançar, sequer lhe acena de longe, mas ela vai mesmo assim.

De repente outros guarda-chuvas se juntam e, com a alegria que não cabe debaixo da tenda, a bateria volta a tocar: “É o fim do manicômio pelas ruas da cidade, explosão de emoção, sonho e realidade”!<sup>13</sup> Alheios à chuva - que agora mais parece um chuvisco - cinco ou seis corpos molhados dançam no meio da Cinelândia. O ato acontece. À atenção se volta para eles que alegremente levantam e abaixam suas sombrinhas pelo ar. O menino lidera as coreografias desajeitadas. E ela supõe que não há mais o que explicar, ele já sabe o que é luta antimanicomial.

Os pés encharcados. O guarda-chuva nas últimas. A roupa molhada e suja de lama. Quem se importa? De longe ela vê o varal de cartazes ir ao chão. É o vento. A cartolina branca e grande vai pouco a pouco se desfazendo em pedaços. A tinta vermelha escorre pelos degraus. **Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça.** O principal slogan do ato antimanicomial se desfaz na tempestade. Onde vão parar tais palavras?

[BOTAFOGO, ENGENHO DE DENTRO OU GAMBOA]

Em todos os cantos, alamedas, grades e uma espécie de pátio. E todas as tardes, a menina caminha por entre as alamedas e o pátio. Ainda que saiba de cor o itinerário, vai assim devagar, torteando lento por entre os corredores compridos. O chão de concreto se faz em meio a prédios cinzas, cheios de grades. O sol timidamente invade as frestas, mas o ar úmido e fétido não cessa de cheirar à urina. O moço que carrega o slogan de uma firma de limpeza em seu uniforme bem que se esforça em limpar as alamedas, as escadas, e as salas por onde caminham a menina e tantos outros. Mas o cheiro ali impregna as narinas: fedor, mijo.

---

<sup>13</sup> Letra da música “Loucura Somos todos Nós”, de autoria da Oficina Livre de Música e Oficina Literária do CAPS Clarice Lispector

A menina caminha sozinha, mas gesticula ao vento como se tivesse companhia. Pisa frágil naquele chão suspeito. Tropeça na buraqueira do concreto, desvia do lamaçal feito pela última chuva. Senta, levanta. Caminha, caminha. Nos pulsos, marcas vermelhas da última contenção. Fruto de uma agitação noturna. Os pés estão descalços e sujos. As unhas enegrecidas. O cabelo curto deixa aparecer as feridas do couro cabeludo: sangue, piolhos.

Veza ou outra grita, resmunga, estende a mão para a moça de salto alto que passa ao seu lado. Pede um cigarro, um dinheiro, um lanche. A moça disfarça o asco e permanece andando. A menina cumprimenta com sorrisos o segurança. Caminha. A camiseta amarelada carrega nas costas um nome, que nem sequer é o seu. A bermuda está larga, a menina é tão magra. Para não deixar cair o short, uma atadura velha faz as vezes de cinto enrolada na cintura da menina: um nó mal feito, manicômio.

A menina segue lentamente até alcançar o grande portão azul de ferro. Lá ela consegue ver os carros, avistar a rua. Apesar do aspecto envelhecido alguma coisa a denuncia jovem. Ela estica as mãos e crava suas unhas sujas e cumpridas nas grades enferrujadas. Com delicadeza, mas não sem força vai descascando toda tinta azul que colore o portão. O olhar está vidrado no ferro, naquelas grades tão sujas quanto a ponta de seus dedos. As unhas raspam a tinta de um lado, raspam do outro. O corpo arrepia com o roçar da unha no ferro. Ela treme com o ruído incômodo. Treme, mas continua.

Centímetro por centímetro, desfaz o azul desbotado das grades que contornam o hospício. Passa tardes inteiras ali, descascando o portão manchado de azuis e cinzas. Ela leva as unhas à boca, cospe a tinta. Na garganta, o gosto amargo da pintura malfeita. Balança o corpo. As mãos firmes nas grades. Arranca todo o azul até que o que permaneça nas grades seja somente o cinza cru do ferro. **[18 de Maio]. Para que não se esqueça.**

\*\*\*

#### [RUAS E GRADES]

O mapa que realça as grades vai da Zona Sul à Zona Oeste do Rio de Janeiro. Passa por um Centro que insiste em preservar seus ares desérticos mesmo após o projeto de revitalização do Porto Maravilha, onde “Projeções de adensamento demográfico indicam salto dos atuais 32 mil para 100 mil habitantes em 10 anos na região que engloba

na íntegra os bairros do Santo Cristo, Gamboa, Saúde e trechos do Centro, Caju, Cidade Nova e São Cristóvão” (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2018).

E é na praça erma, que só parece ter importância quando por ali foliões animados desfilam todo mês de fevereiro, que árvores robustas escondem a placa azul do Governo do Estado que dá nome ao local. Governo que comemora<sup>14</sup> o gradeado cinza que reúne ambulatorio, emergência, hospital-dia e enfermaria psiquiátrica em um só lugar. Contrariando a lógica proposta pela Reforma Psiquiátrica<sup>15</sup>, o Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro – CPRJ é um complexo de saúde que “é, em si mesmo, uma “pequena” rede de saúde mental. Funciona, portanto, de forma diferenciada”. E “se no Hospital-Dia a lógica é a do atendimento psicossocial, na enfermaria de crise, na emergência e no ambulatorio, a lógica é a da medicação” (GUIMARÃES; COSTA; ARAÚJO, 2016, p.16).

Lógica que insiste em outros cantos... Se, no Centro revitalizado e ainda deserto, as árvores parecem querer esconder o gradeado cinza que circunda o hospício, na Zona Sul da cidade as grades estão expostas e exibem a faixa pendurada todo mês de maio, que afirma que o Instituto Municipal Philippe Pinel - um dos grandes hospitais psiquiátricos ainda em funcionamento - apoia uma sociedade sem manicômios. Estendida de frente para a avenida principal por onde carros e ambulâncias circulam apressados, as letras se misturam aos gritos que ecoam das enfermarias embaralhando os olhos e os ouvidos.

Em Botafogo as grades desbotadas dão de frente para outras grades desbotadas. Dois hospícios em um só lugar. Vistas assim, as movimentadas ruas da Zona Sul carioca parecem arriscadas: “Eu vim pra Colônia porque eu estava andando na rua Voluntários da Pátria[...]” alertava Stela do Patrocínio (2001, p.48) sobre sua internação que durou cerca de trinta anos. A poeta, que morreu em 1997 dentro do hospício, talvez quisesse sinalizar que certas ruas da cidade não foram feitas para qualquer um pisar. Pátio e alamedas de um lado, pátio e alamedas do outro lado, e no meio, a rua estreita por onde passam transeuntes apressados. Para quem quer cortar caminho até a praia, o corredor por entre hospícios é um atalho. Para outros é parada.

---

<sup>14</sup> Conforme publicado no site oficial do Governo do Estado do Rio de Janeiro no texto: Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro comemora 14 anos com atividades culturais. Disponível em: <http://www.rj.gov.br/web/ses/exibeconteudo?article-id=1143783>

<sup>15</sup> Segundo a lei 10.216 de 2001 e a portaria 3.088 de 2011 que, respectivamente, dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais, redirecionando o modelo assistencial em saúde mental e instituiu a Rede de Atenção Psicossocial, o cuidado em saúde mental deve priorizar os serviços de base territorial e comunitária.

No Engenho de Dentro um atalho também faz cortar um quarteirão inteiro de alamedas esburacadas. Se um dia a região do subúrbio foi conhecida como o bairro das oficinas - famosas pelo conserto de trens -, hoje o que resta deste tempo é o inanimado Museu do Trem, e o bairro é conhecido mesmo por carregar um famoso hospital psiquiátrico (OLIVEIRA, 2009, p. 16). Ali as grades cinzentas se confundem com os muros coloridos. Para quem vem da rua, é permitido entrar, passar e encurtar a distância até o outro lado do quarteirão, mas, para quem habita o interior do hospício a rua ainda é local inacessível.

Do lado de dentro do atual Instituto Municipal Nise da Silveira o chão desnivelado e as paredes em ruínas denunciam o tom arcaico de um lugar que parece atado ao passado. A infraestrutura capenga do hospício não figura mais a glória de um tempo em que “quartéis, escolas, hospitais, prisões, fábricas e hospícios tornavam-se máquinas irmanadas em defesa de uma certa sociedade – e, com ela, de uma certa cidade” (MIZOGUCHI, 2017, p.318). Desbotadas, as paredes úmidas fazem supor que o esplendor da paisagem asilar havia se encerrado em séculos passados.

Mas, ainda que decrepita, a arquitetura hospitalar insiste em não se desfazer por completo e deixa claro que não abandonamos de vez o ideal de um espaço público feito “exclusivamente para a interação civilizada dos cidadãos de bem, tão racionais e tão trabalhadores quanto possível” (MIZOGUCHI, 2017, p.318).

E, assim, o hospício ainda soa indispensável, e a cidade segue “recortada, quadriculada, calculada, higienizada” (MIZOGUCHI, 2017, p.318). Com a sutil diferença de que, hoje, todo manicômio da cidade do Rio de Janeiro carrega ao seu lado - colando parede com parede em uma união suspeita - a paisagem de um Centro de Atenção Psicossocial – CAPS. O contraste urbano faz as palavras anunciadas por Franco Basaglia (2010, p.154) - quando em sua visita à Nova York ainda no século XX - soarem mais atuais do que nunca:

A negação da dimensão manicomial ocorre, sobretudo, mediante a destruição da existência do manicômio por trás do setor psiquiátrico aberto e comunitário. Se o manicômio continua a servir como local de descarga dos doentes transtornados, o resto é uma mistificação. Ou a organização comunitária interna e externa consegue criar um suporte suficiente para os doentes mentais do setor do qual está encarregada, ou o jogo comunitário só serve ao staff, à sua sobrevivência e aos seus problemas psicológicos. Nesse caso, é a própria instituição manicomial que permite, com sua presença e com sua ação, o surgimento de novas unidades psiquiátricas aparentemente mais abertas e não discriminatórias. Com a retaguarda definida pela dureza do manicômio, as novas instituições psiquiátricas podem

permitir-se a dedicação à doença mental também nos seus aspectos sociais, alargando aparentemente a própria esfera de ação, mas sem cumprir substancialmente a própria função.

**[18 de Maio]. Para que não se esqueça.**

\*\*\*

## 4 CONVERSAS

### [Luzes de emergência]

B.,

*Luzes de emergência se acenderão automaticamente.* No fim, foi este livro que comprei. Procurei, procurei. Pensei, refleti sobre como a grana está curta e eu não deveria comprar nada. Ponderei que prefiro livro de papel, pode ser usado com parágrafos grifados com marca-texto amarelo, mas com aquela textura que cansa a ponta dos dedos, sabe? Que tenha cheiro, mesmo que ruim, de mofo e não me obrigue a achar uma posição confortável em que caibamos eu e meu enorme *lap-top* no sofá. (Não vou comprar aquele negócio pequeno de ler livro digital). *Luzes de emergência se acenderão automaticamente*, comprei o e-book, porque o de papel estava mais caro.

Na metade do livro eu já não lembrava mais qual era seu título. Pesquisei tantos e tantos. Precisava de um livro legal para me ajudar a escrever. Aquela velha e ingênua busca pela inspiração. O tormento dos prazos e a vida que não cessa de acontecer para que você escreva - ressaca da qualificação, eleições presidenciais, decepção amorosa e todos os atropelos que insistem em nos distrair. Então, com um tanto de desespero e esperança apostei nas páginas do pequeno livro, na expectativa de que ele me impulsionasse novamente à escrita.

E lá pela página x, dois personagens recém-saídos do cinema comentam sobre a frase-título do livro: *Luzes de emergência se acenderão automaticamente*. Enunciado típico daquele momento que figura na tela um pouco antes do trailer, quando se quer informar sobre o risco de incêndios na sala escura - agora escrevendo tudo isso para você parece bobo, mas a passagem é muito boa, juro.

“Imagina essas luzes na nossa vida. Hein, tá dando alguma merda que te tira a noção, que deixa as coisas mais nebulosas. As luzes acendem” (GEISLER, 2014, s/p). Pronto! As luzes acendem-se automaticamente e deflagram o sinal de alerta, cuidado! E, tendo em vista o aviso prévio, talvez ainda tivéssemos algo a fazer, a transformar. Talvez ainda tivéssemos uma chance de mudar as coisas. Fato é que se essa luz existisse, amigo, ela estaria acesa. Permanentemente acesa, eu diria. E não sei se alguém deveria apagá-la. E é daí que quero começar.

**Um beijo,  
Sua amiga.**

\*\*\*

[VIZINHANÇA]

**B.,**

Já é tarde, as luzes estão acesas e eu não consigo dormir. Tampouco, esperar sua resposta até te escrever novamente. O ponteiro do relógio insiste em dizer que já passou da hora, mas as luzes de emergência soam pontuais. E, se me precipito, você sabe, é porque por aqui “o mundo vai mal” (INVISÍVEL, 2017, p.23) e eu preciso da sua companhia para segurar esse rojão que têm sido os dias por aqui. Me parece que “[...] o que estamos vivendo não é um processo natural, mas uma fase a mais de uma guerra que não cessou” (ROLNIK, 2018, p.11).

No prédio da frente, uma luz também está acesa, e na parede se veem piscar imagens sem parar. É a tv. Está ligada, está sempre ligada por lá. Quando é tarde e o silêncio toma conta do bairro, eu quase posso ouvir o som do telejornal ou daquela novela que é exibida mais tarde. A julgar pelas luzes sempre acesas, parece-me que, do lado de lá, alguém também

se mantém insone. Não sei ao certo quem mora lá, mas me pergunto se ele também sente esse mal-estar que hoje nos toma e ultrapassa qualquer limiar de tolerabilidade (ROLNIK, 2018).

Será que se sente perplexo frente ao que assiste na TV? Ou está apenas inebriado pelas imagens que se repetem sem cessar ao longo do dia? Faz quanto tempo que eu moro aqui? Nunca vi a TV desse homem desligada. Talvez ele e a família digam o mesmo sobre o meu computador. Será que também me espiam pela janela? Aliadas distância e miopia, pouco enxergo dos móveis, a não ser um sofá antigo e um enorme crucifixo pendurado na porta. Abaixo tem um quadro que não sei se é de Jesus ou de algum artista famoso. Deve ser Jesus.

O pouco que meus olhos alcançam me faz lembrar da casa dos meus pais. Ainda que de lá se possa ouvir o mar e sentir cheiro de mato, a TV também está sempre ligada e um Jesus com cara de artista hollywoodiano enfeita as paredes. Como sinal de fé, imagens de santo preenchem um pequeno altar feito de madeira. Nos intervalos do Jornal Nacional, se agradece pelo jantar e se aproveita para repassar as mensagens de boa noite no *whatsapp*. Aos domingos meu pai vai à missa e minha mãe ensina às crianças a catequese, “uma versão de narrativa ficcional, no modo palavra-de-deus, único e universal, veiculada pela Igreja Católica, a Globo da época, e expressa pelos jesuítas, seus âncoras” (ROLNIK, 2018, p.160).

E, se na igreja eles louvam a Deus pedindo a garantia da aposentadoria, nas redes sociais espalham correntes de oração contra a corrupção. Essa que vem à tona em 2004 “com a bombástica imagem do Jornal Nacional[...]divulgando a notícia de denúncias de um esquema [...] que mais tarde receberá o nome de Mensalão” (ROLNIK, 2018, p.150). A sequência de prisões e denúncias que se desencadeiam depois disso é de fazer qualquer um suplicar pelo país em oração.

Mas, mantenha a fé: é o impeachment da presidenta que vai nos livrar da corrupção. Já faz um tempo eu ouvi na TV.

Afinal, o país está em crise, ninguém mais duvida. E para nos salvar de toda lama, além das orações que já entoam as famílias brasileiras, o Congresso aprova PECs e Reformas<sup>16</sup>. [Do fim do mundo, do fim do trabalho, do fim da previdência]. Discursos verbais e imagéticos elegem o inimigo da vez. O fantasma da crise econômica torna-se ainda mais aterrorizador e se intensifica a desqualificação do imaginário progressista. [O golpe é midiático]. Parlamentares desmontam a Constituição. Leis e emendas ferem o acesso à saúde e à educação pública. [O golpe é jurídico] (ROLNIK, 2018).

Para essa nova modalidade de Golpe, parece que o Exército não é mais assim tão fundamental quanto em 64. Mas, se, por um lado, “vivemos num outro momento histórico com outras forças históricas” (COIMBRA, 2018), alguns embates parecem os mesmos e certas forças conservadoras parecem nunca ter cessado “[...]mas apenas feito um recuo estratégico temporário à espreita de condições favoráveis para sua volta triunfal, retomando seu *looping* que parece nunca ter fim” (ROLNIK, 2018, p.100).

As horas avançam por aqui, o sono começa a aparecer, mas antes de dormir eu olho novamente pela janela. A luz do vizinho permanece acesa e até figura mais forte. Será? As imagens piscam na *Smartv* quarenta e tantas polegadas que ocupa a sala. Ele está acordado? Quero descansar, mas antes de fechar os olhos me pergunto: quem consegue dormir quando as luzes ainda estão acesas?

**Um beijo,**

---

<sup>16</sup> A Proposta de Emenda Constitucional 55/2016 também conhecida como “PEC do fim do mundo” congela gastos públicos por vinte anos sob o argumento da crise econômica. Também sob a justificativa da crise, a Reforma Trabalhista instrumentalizada pela lei Nº 13.467 de 2017 muda significativamente a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT. E por fim, a Reforma da Previdência - ainda em tramitação – caso seja aprovada tornará as regras de concessão das aposentadorias ainda mais difíceis.

A.

\*\*\*

[É TEMPO DE ADORMECER?]

**Amiga querida,**

Não é de hoje que luzes de emergência estão acesas e o perigo está à espreita. Talvez eu tenha ido embora no momento exato em que elas insinuaram alguma luz. E, se hoje soam mais fortes, acredito que seja porque o mal-estar que nos toma nada mais é do que uma grande frustração. Um desapontamento com o atual desmantelamento de governos mais à esquerda, fruto de uma união incomum e temporária entre as forças reativas do conservadorismo e do neoliberalismo (ROLNIK, 2018).

Penso que a frustração é legítima, também porque:

Tinham nos prometido uma nova ordem mundial. É o contrário que se produz. Anunciavam a generalização planetária da democracia liberal. O que se generaliza são, pelo contrário, as "insurreições eleitorais" contra tal democracia e sua hipocrisia, como lamentam amargamente os liberais. Bairro após bairro, a fragmentação do mundo prossegue, sem rodeios, sem interrupção (INVISÍVEL, 2018, p. 23).

Fragmentam-se o mundo, a política, as políticas públicas e tudo aquilo que julgávamos garantidos por lei, mesmo que ainda tateássemos sua consolidação. Já faz tempo nós julgávamos com certa ironia o enunciado "para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça", sabendo que o manicômio seguia enclausurando corpos. Hoje, constatamos não apenas a manutenção dos hospitais psiquiátricos, mas o enorme fomento em torno dos mesmos. Sim, a luz está mais forte.

O Ministério da Saúde nos diz: "Não cabe mais a ideia que hospitais psiquiátricos devam abrigar moradores. Porém, também não cabe mais a ideia de que tais Serviços devam ser

fechados" (BRASIL, 2019, p.8). E tenta nos convencer que a Eletroconvulsoterapia é o "melhor aparato terapêutico para a população" (BRASIL, 2019, p.6). E, como num eco festivo, os defensores da indústria da loucura comemoram, chamando isso de Segunda Reforma Psiquiátrica<sup>17</sup>. Mas a nomeação forçada soa como uma tentativa fracassada, sem eco, de colocá-la no *hall* das Reformas que vão nos salvar da crise.

Reformas como essas fazem a gente se reunir até as dez da noite no saguão das universidades para fazer infinitas análises de conjuntura, buscar estratégias de enfrentamento, organizar atos, escrever manifestos. E, no fim, terminar no bar, tomando a cerveja mais barata, como se a estratégia mais eficiente fosse mesmo embriagar-se diante das coisas. Acho que é.

Estou cansado, faz pouco tempo tive uma gripe. Dessas que derrubam a gente no sofá durante dias. Não peguei chuva nem nada mas acho que a distância, às vezes, também enfraquece. Estou longe, mas também carrego as minhas insônias. Você se pergunta quem consegue dormir com tanta luz. Mas, me diga, você pretende adormecer?

**Beijos,**

**B.**

\*\*\*

[ENTRE CHAMAS E SAUDADES]

**Querido,**

Leio suas palavras e é como se você nunca tivesse ido embora. Não fosse pela risada, que eu não ouço mais faz

---

<sup>17</sup> Ver mais em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2017/12/1945632-a-segunda-reforma-psiquiatica.shtml>>. Acesso em: 17 jun. 2019

tempo, diria que você ainda está por aqui me provocando e me fazendo olhar para as coisas de um jeito novo.

Ontem retornei ao livro de que te falei alguns e-mails atrás. Ou melhor, ao e-book. Para minha surpresa, percebi, primeiro, que ele não é tão pequeno quanto eu supunha. Páginas transvestidas em *slides* dão uma dimensão equivocada das coisas. Em segundo lugar, reparei que no centro da capa há o desenho de um fósforo. Pois é, um fósforo, eu não havia notado. A ponta ainda vermelha do palito indica a inexistência do fogo. Mas alguma coisa na composição das cores e no jogo das imagens parece anunciar o porvir das chamas. É aí, então, que se localiza o livro, é aí então, que se localizam as luzes de emergência - no breve instante que antecede o fogo. Ou, alguma coisa entre tarde e tarde demais. E eu me pergunto o que, afinal, as chamas vêm queimar?

Se, de fato, as luzes soam mais fortes, o alerta do risco de incêndio - diferente do cinema - não parece indicar a porta de saída. E se por vezes eu invejo a sua partida, o seu exílio antecipado, esse sentimento que carrego - da sua presença permanecendo aqui - me faz pensar que mudar de endereço não garante o fim da batalha. Eu fico - acordada - e me pergunto que jogo ainda é possível jogar nos minutos que antecedem o inflamar das coisas? [Ou, o que escolheremos queimar?].

Termino me perguntando se você, atento a tudo que tem acontecido por aqui, ainda sente saudades desta cidade. Eu sinto saudades de você.

**Um beijo.**

**Sua amiga.**

\*\*\*

[PEQUENAS BRECHAS]

**Amiga querida,**

“É possível sentir saudades da pobreza, da intolerância, da prepotência, da injustiça?” (2014, p.3), é Bolaño quem pergunta, ao ser convidado a falar da relação exílio/literatura na ocasião do simpósio *Europa e América Latina: literatura, migração e identidade* realizado no ano 2000 em Viena. E é ele mesmo quem responde: “O trabalhador não pode nem deve sentir nostalgia: suas mãos são sua pátria” (2014, p.3). Contudo, “a solidão é capaz de gerar desejos que não correspondem ao senso comum nem à realidade” (2014, p.3) ele segue dizendo. Portanto, sim, sinto saudades. E, de todas as suas perguntas, talvez essa seja a única que eu consiga responder.

Frente à emergência da luz, você suplica por portas de saída. Sejam realistas, as portas possíveis talvez sejam apenas pequenas brechas, quiçá janelas. Há tempos você se questiona: **como [hoje] é possível almejar, sonhar e lutar por uma sociedade sem manicômios?** E se outrora a consigna do “manicômio nunca mais” poderia nos soar caquética, frente ao estado de coisas que agora enfrentamos, ela ressurge bélica e imprescindível.

Meses atrás - em um antigo e-mail - você me lembrava da carta-manifesto que, em 1987, inaugurava o movimento nacional da luta antimanicomial e já deixava claro que o manicômio é apenas a expressão de uma estrutura presente em diversos mecanismos desse tipo de sociedade. Este documento - ao meu ver, um dos mais belos e radicais até então produzidos pelo Movimento - expressa a compreensão dos que ali estavam de que a luta por uma sociedade sem manicômios não se reduz à extinção dos hospitais psiquiátricos - ainda que este seja um ponto inegociável.

Ao que me parece, a sua questão - atenta às invocações do presente - convoca um olhar cuidadoso àquilo que o

Manifesto de Bauru descreve como "a opressão nas fábricas, nas instituições de adolescentes, nos cárceres, a discriminação contra negros, homossexuais, índios, mulheres" (MANIFESTO et al., 1987). Ou seja, aquilo tudo que fere o que estava em pauta na década de 80/90 no Brasil - quando em ascensão o Movimento Nacional da Luta Antimanicomial - MNLA: a democratização da sociedade. E se o *looping* parece nunca ter fim (ROLNIK, 2018), as feridas urgem e a pauta se mantém.

A relação entre luta antimanicomial e democracia é um vínculo que, apesar de fundador, nunca nos pareceu óbvio. Me pergunto se se trata de um problema geracional. Não tendo a nossa geração vivido os primeiros passos do Movimento Nacional da Luta Antimanicomial no Brasil, não enxergamos com tanta clareza, dentro deste Movimento, certas pautas presentes já em 1987. Ou, se de fato podemos falar de um amortecimento de determinados debates ao longo dos anos, reduzindo a luta por uma sociedade sem manicômios a uma luta meramente institucional, marcada pela necessidade de criação de uma rede de saúde mental substitutiva ao manicômio.

Certamente não estou diminuindo a importância dessa dimensão institucional, apenas suspeitando de sua insuficiência. E se o manifesto de Bauru é explícito quanto à necessidade de uma luta mais ampla, de "uma aliança com o movimento popular e a classe trabalhadora organizada" (MANIFESTO et al., 1987), é urgente pensarmos a que modos de luta temos nos filiados.

O que quero te dizer é que a sua pergunta: **como [hoje] é possível almejar, sonhar e lutar por uma sociedade sem manicômios?**, ao situar o presente - um presente marcado por certa falência democrática ou pela naturalização de um Estado de Exceção - marca o perigo do qual as luzes de emergência vêm nos alertar. Mas, antes de tudo incendiar-se, que saídas de emergência vamos cavar? Ou, que outras chamas faremos queimar?

**Um beijo,**

**B.**

**\*\*\***

[LEMBRANÇAS]

**Olá amigo,**

Que alegria tumultuada essa de receber seus e-mails. As considerações que você fez acerca da relação entre luta antimanicomial e democracia me atiçaram o pensamento e me fizeram percorrer várias lembranças e bibliografias que, aos poucos, tento ir conectando. Estávamos ainda na graduação, quando iniciei meu primeiro estágio em saúde mental. Era 2010 ou 2011? Você lembra? Lula ou Dilma? O campus ainda esbanjava aquele gramado extenso onde todo mundo matava aula. Eu estava no quarto ou quinto período...animadíssima. A gente se reunia no diretório acadêmico, lembra? Aquela sala apertada, toda pichada, cheirando a cigarro, parecia o lugar mais revolucionário do mundo. Eu, você e mais três gatos pingados planejando debates, rodas de conversa e seminários antimanicomiais.

Tínhamos pressa, as expectativas eram boas. Sonhávamos em nos formar e ir trabalhar no SUS, na rede de saúde mental. Naquele tempo, ao menos para mim, não havia muita diferença entre o trabalho e a militância. No fim, tudo se tratava da mesma coisa - construir uma sociedade sem manicômios - e faríamos tudo com muita alegria. Afinal, aqueles que eu admirava, aqueles que estavam dia a dia trabalhando nos serviços territoriais, indo à casa das pessoas, cuidando com afeto e tentando evitar a todo custo as internações psiquiátricas, transmitiam certa dose de alegria, por mais que o trabalho, muitas vezes, carregasse em si o peso da miséria, do sofrimento e da violência.

Não digo que de minha parte não houvesse certa romantização com aquilo tudo. Decerto que alguma luz já anunciava perigos. “As contradições dos governos petistas por suas alianças espúrias, a supremacia do poder empresarial sobre o poder público e o interesse dos cidadãos” (ROLNIK, 2018, p.151) já se faziam notórias e eclodiriam, mais tarde, nas manifestações de Junho de 2013<sup>18</sup> convulsionando o país.

Eu, é claro, estava empolgada com aquele primeiro contato com o campo, como se costuma dizer. E a despeito da luminosidade - que sutilmente insistia - via certa alegria transparecer em gestos cotidianos de trabalho e isso me animava. No Centro de Atenção Psicossocial onde estagiei, na zona norte do Rio, entre um atendimento e outro alguém pegava uma bola de futebol, iniciava um jogo, outros divertiam-se com os gatos espalhados no quintal e as sextas-feiras o *videokê* ficava ligado até mais tarde, fazendo a equipe esticar o expediente por pura diversão.

De lá, eu lembro de um rapaz muito jovem que chegou ao serviço acompanhado de sua mãe. Negro, forte e tatuado, chegava sempre com uma expressão muito invocada. A mãe, técnica de enfermagem, cuidava de muitos e dizia não poder mais cuidar do filho. SPT, ela dizia. Ele é SPT. Sem possibilidades terapêuticas, concluía a respeito do filho. Todos se espantaram com o enunciado, mas para ela, seu filho, usuário de drogas, HIV +, já acumulava tantos diagnósticos que só lhe restava descrença e desesperança.

Foi um dos primeiros atendimentos de que participei. Em uma sala ampla e capenga, duas trabalhadoras e eu, tão empolgada quanto inexperiente. Do lado de dentro, a expressão indócil do menino que nos fitava com certo desprezo e, do lado de fora, a mãe incrédula aguardava. Eu, sem saber

---

<sup>18</sup> Refere-se a enorme onda de protestos que tomou o Brasil na ocasião. Inicialmente surgiram para contestar o aumento nas tarifas de transporte público e ficaram conhecidas como Jornadas de Junho ou Manifestação dos 20 centavos.

exatamente o que fazer, carregava uma ficha nas mãos na pretensão de anotar tudo quanto pudesse sem perder nenhuma informação importante. Sentada frente ao rapaz eu assumia uma posição discreta, olhando para os lados, um tanto perdida.

Não lembro como começou. Já faz tanto tempo. Mas me recordo do jeitão de carioca marrento que ele exibia. Um jeitão que no fundo soava meio bobo (eu penso nele e canto "esse humor é coisa de um rapaz que sem ter proteção foi se esconder atrás da cara de vilão<sup>19</sup>"). Mas, a trilha sonora desse dia era outra, era Menino do Rio<sup>20</sup>.

Não lembro mesmo como começou. Mas, em um instante, as duas profissionais se deram por cantar e dançar no meio do atendimento. Faziam piadas e dançavam em torno do rapaz, performatizando o dragão tatuado no braço, o calção corpo aberto no espaço e o coração de eterno flerte. Em música, dança e riso, elas pediam para Deus proteger-lhe. Fugiam a todo e qualquer prescrito fazendo aquela ficha na minha mão perder completamente o sentido. Não sei como terminou. Mas ele gargalhava, e eu ainda não o tinha visto sorrir.

Se me pus a lembrar disso tudo, foi a partir dos teus apontamentos sobre democracia e luta antimanicomial. Pois, essas lembranças, mais do que tudo, são lembranças de um enfrentamento sutil e alegre que hoje parece mais difícil de ser efetuado. Lembranças das expectativas que havia em relação ao futuro, à carreira. Expectativas que essa falência democrática, como você nomeou, vem quebrando. Ao contrário do que possa parecer, não pretendo afirmar nenhum pessimismo, ressentimento ou mesmo nostalgia. Mas é impossível negar que, de lá para cá, algo se perdeu...

Se hoje os amigos com quem compartilhávamos os mesmos sonhos seguem desmotivados, com poucas perspectivas em

---

<sup>19</sup> Cara Valente - Canção de Marcelo Camelo

<sup>20</sup> Menino do Rio - Canção de Caetano Veloso

relação à profissão e mergulhados em uma situação financeira precária e instável, não é à toa. O que vejo do lado de cá, amigo, é a multiplicação veloz de práticas empreendedoras, você saindo do país, muitos saindo da cidade e um tanto de amigos sendo demitidos. O que vejo é "a repugnância por uma vida onde estamos todos sozinhos, sozinhos face à necessidade de cada um ganhar a sua vida, de se abrigar, de se alimentar, de se divertir ou de se tratar" (INVISIVEL, 2016, p.57). Trabalhadores comprimidos junto ao esmagamento do Sistema Único de Saúde, buscando alternativas possíveis.

Mas essa análise, um tanto apressada, é apenas para pensar contigo sobre: o que significa apostar em uma sociedade sem manicômios, ou seja, apostar em uma sociedade necessariamente democrática, quando mergulhados no atual panorama político?

**Um Beijo,**

**A.**

\*\*\*

[NOITES INSONES]

**Olá amigo,**

Mais uma vez eu me apresso e chego antes de você. Dormi cedo como de costume, mas despertei às três da manhã, sem alarme, sem luz forte na cara, sem vizinhança brigando ou falatório no bar. Com o edredom cobrindo o rosto insisto, busco a sonolência com ventilador no máximo e a cortina totalmente fechada: gestos inúteis. É vão forçar o corpo a dormir.

Seguindo as dicas do meu analista, tentei fazer da insônia algo potente. Na madrugada, o café forte, a luz acesa e o silêncio parecem colaborar para um alto nível de

concentração e produção acadêmica. Mentira. Eu gosto mesmo é das manhãs, você sabe, mas nem sempre é recíproco.

A verdade é que todo esse papo de democracia tem me tirado o sono. A reta final da pesquisa não parece ser um bom momento para ter insônia, nem crise com a escrita. Mas, se viesse na hora certa não seria crise, não é mesmo?

Abri o computador e reli tantas vezes aqueles últimos parágrafos em que nada mais fazia sentido. De um lado, a imagem da falência democrática e, de outro, a certeza de que aquilo que rui nunca esteve por completo edificado. E eu já nem sei se falo da democracia ou da pesquisa. Algo não cessa de se desfazer. É como ver quebrar os tijolos de um prédio sempre em construção. Na tela as palavras se desfaziam e eu em um infinito jogo de montagem. Fora dela, o mundo em contínuo colapso.

Ontem, durante o trabalho, eu precisei ir até o Jacarezinho fazer um atendimento. Como de costume, liguei para a Clínica da Família para saber como estava o território - verde, amarelo ou vermelho - e estava verde<sup>21</sup>. Sem receios, fui de ônibus. Até tínhamos motorista, mas o carro estava sem gasolina e ele sem salário. Um tijolo a menos.

Chegando à clínica, fui conversar com outra profissional, que me aguardava na porta. Ela estava aflita, tinha acabado de receber a notícia do falecimento de uma usuária que estava grávida. E, mesmo tendo a sua gravidez - que era de risco - acompanhada de perto pela Clínica, ela deu azar, a colega me disse. Azar.

A bolsa rompeu em uma péssima hora: em meio às quase sete horas ininterruptas de tiroteio a vida persiste e irrompe. Quando ninguém consegue entrar ou sair da favela a

---

<sup>21</sup> Refere-se a um protocolo adaptado de países em guerra, criado pela Cruz Vermelha que treinou profissionais da secretaria municipal de saúde. Se o alerta for vermelho, significa que as unidades de saúde precisam ser fechadas devido aos conflitos no território e ao risco que correm profissionais e usuários. O alerta amarelo indica a suspensão de atividades externas como visitas domiciliares e atividades de promoção de saúde e, por fim, o sinal verde significa o funcionamento normal do serviço.

bolsa rompe e a vida fissura. A moça morreu antes de poder ser levada ao hospital. Por sorte salvaram o bebê, ela me disse. Por sorte.

Ali onde a sobrevivência é questão de sorte e o azar é certo, ninguém é cidadão livre e a democracia parece algo da ordem do "só ouço falar". Foi o que a colega me disse. É que as noções de igualdade democrática são abaladas quando se decide "quais saúdes e vidas devem ser protegidas e quais não devem" (BUTLER, 2018, p.17). Fato é que a democracia que me tira o sono é esta mesma que ceifa vidas.

Insone, me preocupo em enfrentar esse problema sem cair em acepções estáticas ou na fantasia ingênua de um passado recente onde o poder era distribuído de modo equânime entre os cidadãos. Não me alio a esta ideia de poder, tampouco creio nesse passado de glórias, você sabe bem, mas como seguir daqui?

Com um café forte nas mãos e um tanto de esforço, vou até Deleuze na expectativa de que algumas de suas investigações contribuam para esta discussão - e, quem sabe, para o retorno das minhas noites bem dormidas. Assim navego com ele até a Grécia, quando, interessado em mapear os últimos passos de Michel Foucault, ele retoma os caminhos que definem o aparecimento da filosofia e sua inerente filiação democrática.

E em Atenas, o que aparece é um "novo espaço cósmico e social" (DELEUZE, 2017, p.195), um terreno "definido pela - segundo a palavra grega - isonomia" (DELEUZE, 2017, p.197), essa condição de igualdade perante a lei que passa a reger a vida dos homens livres, e que "diremos, sem dúvida, que se trata da democracia ateniense" (DELEUZE, 2017, p.197).

Uma configuração inédita que nasce e se contrapõe ao pensamento mágico-religioso ou chamado pré-filosófico - regido pelo caos e pela guerra entre os deuses, pela polêmica e pelo combate violento.

Mas, ainda que viajemos até o território grego, em busca das origens dessa configuração social que permitiu a inauguração democrática, já figuravam ali certas objeções a este modelo. Assim situa Deleuze (2017), ao atentar para hostilidade platônica em relação à democracia. Platão questionava as possibilidades reais de efetivação de um modelo pautado pela isonomia em uma cidade como Atenas.

E, ainda que, neste ponto, Deleuze (2017) vá um tanto rápido, fica claro que a objeção platônica não significava em absoluto o desejo de retorno ao modelo pré-filosófico, mas apenas o reconhecimento da impossibilidade de efetivação da igualdade democrática por completo. Marcados pela diferença, em Atenas ou no Jacarezinho, a democracia isonômica parece só existir na boca dos outros e longe de nossa pele.

Pois não seria com o advento de um novo modo de organização social - democrático - que desapareciam as marcas de um embate violento que preponderava anteriormente. Afinal, aquilo que rui nunca esteve por completo edificado, não é mesmo? Ou, tijolos caem enquanto outros se erguem. E eu sigo acordada.

O que Deleuze (2017) marca é que, se antes a definição de toda e qualquer coisa passava por uma relação de guerra, o que emerge nesse novo cenário grego é uma espécie de agonística entre os homens livres. A lógica da guerra e da força que prepondera no pensamento pré-filosófico dá lugar, então, a uma relação de rivalidade, uma rivalidade dialógica, onde o que predomina não é mais a força, e sim, o argumento.

Doravante passamos a compreender a democracia, desde sua origem, não como algo estático ou garantido, mas, ao contrário, como aquilo que performatiza um movimento incessante de disputa e expansão, no qual a luta para que mais pessoas estejam disputando o sentido das coisas é permanente.

E, se, por um lado, a ascensão da democracia ateniense não garante o fim por completo de um modo de disputa fundamentado na polêmica e na guerra, por outro, o cenário de falência democrática que hoje enfrentamos fortalece em muito a efetivação desse modelo polemista e pré-filosófico.

Afinal, o que vemos hoje senão a polêmica como um dos grandes modos discursivos do presente? Das redes sociais aos pronunciamentos oficiais, o discurso presidencial efetiva e simboliza o modelo que antecede a democracia grega. E, não há como negar, também, que mesmo os defensores da soberania popular têm caído na infantilização dos discursos provocativos, reduzindo a política à pirraça e à provocação virtual<sup>22</sup>.

Segundo Foucault (1984, p.19), os efeitos do modo polemista são esterilizantes, afinal:

[...]alguém já viu uma ideia nova surgir em uma polêmica? Não poderia ser diferente, já que os interlocutores não são incitados a avançar, a se arriscar no que dizem, mas a encerrar-se continuamente nos direitos que reivindicam, na legitimidade que precisam defender e na afirmação de sua inocência.

Veja bem, amigo, eu poderia perguntar a todos aqueles que compõem o campo de lutas por uma sociedade sem manicômios o que significa para cada um deles a luta antimanicomial. Uns diriam que é a rede de serviços substitutiva ao manicômio, outros falariam em quebrar muros de concretos ou os da razão, enquanto ouviríamos alguém dizer que é a própria revolução. E travaríamos, assim, uma disputa de sentidos para o campo antimanicomial. Mas, em um cenário onde o debate de ideias se torna atividade suspeita,<sup>23</sup> parece não haver espaço para o dissenso.

---

<sup>22</sup> Um exemplo disso pode ser visto nas páginas oficiais do twitter do Deputado Federal Marcelo Freixo e do presidente Jair Bolsonaro, onde ambos trocam inúmeras provocações.

<sup>23</sup> A afirmativa faz referência à exigência de cancelamento feita pelo Partido Social Liberal em relação a um debate organizado por um coletivo estudantil da Universidade Federal do Rio de Janeiro com a presença do deputado federal Marcelo Freixo. Ver mais em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/em->

No final dos anos 80, quando nascente o Movimento Nacional da Luta Antimanicomial, o terror às práticas de tortura fazia crescer os movimentos de oposição à ditadura militar. Nesse contexto, experiências como a 8º Conferência Nacional de Saúde marcam definitivamente o caráter da reforma sanitária ao abrir, pela primeira vez, esse tipo de espaço deliberativo à participação da sociedade civil. Marcando, assim, a necessidade do debate e do dissenso para o avanço das pautas democráticas.

No campo da luta antimanicomial, a transformação do Movimento de Trabalhadores em Saúde Mental/MTSM em Movimento Nacional da Luta Antimanicomial/MNLA ganhava o mesmo sentido de expansão<sup>24</sup>. E o que é a afirmação democrática, senão o embate por expandir esse jogo? O que é a luta antimanicomial, senão a luta por expandir esse jogo?

O dia já está clareando e as luzes dos postes já estão acesas. Não consigo elaborar muito mais. Perguntas ressoam. Estou confusa. Estou cansada. Mas apesar do sono que agora me chega eu preciso encarar o trajeto até o Jacarezinho. O celular já anunciou: sinal amarelo. Perigo.

**Beijos,**

**A.**

\*\*\*

[INQUIETAÇÕES]

**Querida amiga,**

Te escrevo com as mãos tremendo de frio. Não sei se é a temperatura um tanto baixa por aqui - já peguei piores - ou o alvoroço que me trazem suas palavras. Preciso dizer, não há um dia sequer em que eu não pense em voltar. A ilusão

---

[oficio-psl-exige-ufrrj-que-cancele-debate-com-presenca-de-marcelo-freixo-23573609](#)> Acesso em: 03 ago. 2019.

<sup>24</sup> Ver mais no Livro Loucos pela Vida de Paulo Amarante

da serenidade durou pouco, restou fazer as contas para saber que país vai embalar um futuro mais ou menos generoso. Um lugar onde as amizades sejam boas e amar não ofenda ninguém. Um lugar em que trabalhadores ainda dançam e moleques marrentos possam gargalhar. Sigo calculando, mas desconfio não ser só questão de mapa.

Insônia. Democracia. Polêmica. Perigo. Fogo. Você me diz sem cessar. Te digo somente: fôlego e calma, pois, afinal, "perguntas e respostas dependem de um jogo, um jogo que é ao mesmo tempo prazeroso e difícil" (FOUCAULT, 1984, p.17) e que juntos - nessa correspondência virtual já fora de moda - temos jogado. Se nos afeiçoamos ao tempo pacífico dos e-mails deve ser porque julgamos necessárias as pausas a esta discussão. Tento exercê-las. Retomando, abrindo brechas.

Você me diz que falar de democracia é falar de um movimento incessante, uma disputa, um jogo, uma agonística. E que almejar, sonhar e lutar por uma sociedade sem manicômios é lutar pela expansão desse jogo. E, ainda, que de algum modo é isso que temos feito ao longo dos anos.

Mas, no meio desse jogo infindo que hoje ainda insistimos em jogar, o modelo bélico e polemista que antecede a democracia ateniense não cessa de se atualizar. No mundo dos *tweets* provocativos, da política reduzida à chacota, ninguém "lida com um interlocutor, mas com um suspeito" (FOUCAULT, 1984, p.18). E não é a investigação conjunta a pretensão do polemista, mas somente o julgamento e a aniquilação do outro. Imagem clara e performatizada por aquele que hoje ocupa o centro do poder e com os dedos em riste teima em ver nas armas a chave para acabar com a violência. Ainda assim, eu te pergunto, e quanto a nós? Que gestos temos escolhido fazer?

No âmbito do Estado, a inversão que permite à sociedade civil participação ativa na construção das políticas

públicas exemplifica a luta pela ampliação democrática. Assim como a promulgação de leis que protegem e ampliam direitos.

No âmbito dos movimentos sociais, a transformação do Movimento de Trabalhadores em Saúde Mental em Movimento Nacional da Luta Antimanicomial expressa a passagem do protagonismo dos trabalhadores ao protagonismo dos usuários, trabalhadores, familiares, e amigos da luta antimanicomial, equiparando em direitos de voz e voto todos aqueles que lutam por uma sociedade sem manicômios.

Suspeito que essa configuração de embates e lutas se aproxime do que Suely Rolnik (2018, p.118) entende sobre a luta de uma certa Esquerda: "ela visa uma distribuição de lugares menos assimétrica - no âmbito social, econômico e político -, bem como um Estado que sustente essa ampliação da igualdade". É inegável a importância desse regime de Esquerda, que, ao longo do tempo, vem obtendo, em diferentes escalas e medidas, conquistas importantes.

Pois bem, "se essa luta é, sem dúvida, indispensável e tem um inegável valor, o problema é que limitar-se a ela deixa de fora a esfera micropolítica[...]" (ROLNIK, 2018, p. 118), porque:

Se aceder a direitos civis é essencial, no entanto a redução a essa meta e, sobretudo, a partir de uma negação da experiência singular de tais agentes sociais e de seu direito de existir - a qual é substituída pelas esquerdas por uma caricatura identitária - tende a levá-los a uma adaptação submissa ao modo hegemônico de subjetivação. (ROLNIK, p. 119, 2018).

A crítica é feita a um escopo amplo dos movimentos sociais que, quando "abordam os modos de existência, tendem a fazê-lo apenas desde uma perspectiva macropolítica" (ROLNIK, 2018, p.118). E eu me pergunto, sem certezas, onde aqui se encaixa a militância antimanicomial. Pois, se no cotidiano dos serviços de saúde mental se enfatiza a

importância de um olhar clínico, atento às singularidades, no cotidiano do Movimento Nacional da Luta Antimanicomial me restam dúvidas quanto às estratégias que temos privilegiado. De que modo temos enfrentado os perigos que nos cercam?

Hoje o cenário de retirada de direitos nos lança – como quando em ascensão o Movimento – ao campo de disputas por políticas públicas antimanicomiais, mas, além delas, o que esperamos fazer acontecer?

Pois, se há muito já nos é sabido que para que as quedas dos muros dos hospícios sejam de fato efetivas e transformadoras daquilo que nomeamos como estigma da loucura, a derrocada dos muros de concreto precisa vir acompanhada da quebra de um olhar racionalista por séculos impregnado em nós (PELBART, 1990). Que estratégias de luta temos cunhado em nome do direito à desrazão? Ou, que outros modos de luta estamos interessados em fazer operar?

**Beijos,**

**B.**

\*\*\*

[RUAS E CHAMAS]

Um clarão a retira da cama. Luzes se acendem a fazendo despertar. Mas não vem do interior do quarto a iluminação. A luz vem de fora e anuncia um movimento novo no bairro. Sonolenta, tateia o criado mudo, derruba um livro no chão, mas consegue alcançar o celular que denuncia o adiantado da hora: 4:30 da manhã, não é possível, sussurra. Que luz é essa que vem da rua e se atreve a invadir o quarto a essa hora? Um poste, um novo poste, bem em frente a sua janela. Nada como uma rua bem iluminada, pensou.

Mas não é só a luz. Um barulho indecifrável também invade o quarto. Olhou pelas frestas, um, dois, três caminhões ocupando a rua e uns vinte homens trabalhando. Especialistas da água, da luz e do tráfego reunidos na pequena via sem saída. Enquanto uns quebram a calçada consertando bueiros, outros alçam placas de trânsito iluminadas.

Setas para a esquerda, setas para a direita. Nada como uma rua bem sinalizada, disse a si mesma.

Mas, qual o motivo de tanta luz? Perguntava-se, desconfiada. De uma só vez, uma enxurrada de serviços públicos vinha romper com o abandono típico do bairro. “Tudo a fim de que a cidade não fosse mais um espaço qualquer, mas o espaço ótimo em que se operaria a conveniente convivência de uma nova casta moral” (MIZOGUCHI, 2017, p.318). Aquela comunhão de tarefas, que cidadão haveria de ter solicitado? E, por que teria sido ouvido? Já com os olhos abertos, perguntava-se o que fazer diante do clarão que se espalhava pela casa trazendo desconfianças.

Entre os trabalhadores, jovens boêmios cambaleavam com uma garrafa de cerveja nas mãos. Subiam a rua cantarolando uma melodia qualquer, enquanto dançavam embriagados na madrugada. Na calçada, os que ali faziam morada com seus caixotes e papelões já não dormiam, ao contrário, vasculhavam as lixeiras em busca de restos. Policiais se aproximavam dos que revolviam o lixo, e com uma postura ereta lhe dirigiam algumas palavras. Executavam “um projeto utópico de cidade, um projeto utópico de razão, um projeto utópico de pureza” (MIZOGUCHI, 2017, p.318). Mas, do alto do segundo andar o diálogo entre eles era inaudível. Restavam suspeitas.

A fumaça de cigarro que vinha do terceiro andar denunciava uma vizinhança também insone e atenta. “Estamos todos em perigo”, foi o que disse Pasolini (2019) sobre a Itália da década de 70, durante a entrevista que antecedeu seu assassinato. As palavras que tão bem diagnosticaram os anos de chumbo italiano serviam de eco para alertar sobre o estado de risco iminente do presente.

Horas na janela e as luzes agora não vinham somente do novo poste, mas do sol que já dava sinais do dia quente que viria. Depois do café, desceu as escadas rumo ao ponto de ônibus. O burburinho da vizinhança era intenso. Jovens, senhores e senhoras se aglomeravam nas calçadas, curiosos com a movimentação do bairro. Cones laranjas interrompiam o tráfego para que secasse a tinta branca dos quebra-molas, todos pintados. Afinal, o prefeito não aceitaria borrões manchando a rua.

Mas as crianças que desciam a avenida, perambulantes, pareciam não dar ouvidos às preocupações do gestor municipal. Empurravam umas às outras em cima da tinta fresca, derrubando os cones e manchando seus uniformes escolares. Furiosos, os trabalhadores os repreendiam, mas era sempre tarde demais, o chão já estava borrado, o uniforme sujo e a molecada gargalhando.

O cuidado repentino com o bairro era então parte dos preparativos que aguardavam a visita do prefeito. Uma palestra, a inauguração de uma escola sem professores, de uma praça cercada por ferros, pouco importava. As obras eram balelas, feitas para angariar votos e embalar mentiras. Na tarde que viria, ninguém poderia ocupar os botequins, era o que se dizia, estavam proibidas as cadeiras, os moradores e a desordem nas calçadas. Onde foram parar os papelões e seus donos? Exposto o risco, cabia perguntar como driblá-lo.

“Como pensa em evitar o perigo e o risco?” (PASOLINI, 2019, p.8). Foi a última pergunta feita a Pasolini. Algo o impediu de responder, o cansaço, a hora avançada, precisava de tempo. “Ficou tarde, Pasolini não acendeu as luzes e fica difícil tomar notas. Juntos vemos novamente as minhas. Depois me pede para deixar as perguntas para ele” (PASOLINI, 2019, p.8). Talvez tivesse pistas:

Há pontos que me parecem excessivamente absolutos. Deixe-me pensar, deixe-me revê-los. E depois me dê tempo para encontrar uma conclusão. Tenho uma ideia para responder à sua pergunta. Para mim é mais fácil escrever do que falar. Deixo para você as notas que adiciono amanhã de manhã (PASOLINI, 2019, p.8).

Na madrugada seguinte, a cena repetia-se na avenida cheia de obras, a luz e o barulho dos caminhões a invadir o quarto e a fumaça do cigarro do vizinho descendo pelas janelas. Ao amanhecer crescia o burburinho na rua. O prefeito não veio, mas hoje ele virá, alguns diziam. A vizinhança se dividia entre os que achavam graça daquilo tudo, os que só queriam dormir - e, portanto, culpavam os trabalhadores pelo tumulto na madrugada - e outros tantos que, irados, condenavam o prefeito.

Olhou a rua e percebeu os quebra-molas bem pintados novamente. Os borrões feitos pelas crianças já não estavam lá. Os cones mais uma vez erguidos e tudo parecia bem ordenado nas lombadas. Ao redor, homens ainda quebravam o asfalto, na tentativa de amenizar o cheiro forte de esgoto que sempre dava sinais em dias de chuva. Mas a tarde foi chegando sem o prefeito e já começavam as suspeitas de que ele não daria o ar da graça.

Inúmeras teorias eram levantadas pela vizinhança. A aposta principal era no medo, sentiu medo e não veio, dizia a maioria. Afinal, um ou outro já dissera que não se calariam, talvez até jogassem ovos pela janela, fato é que ninguém queria o prefeito ali. Fez bem em não aparecer, gritavam do alto do prédio. Outros achavam que era só uma questão de agenda cheia, que um dia ainda viria.

As crianças, que desciam novamente a rua no alvoroço que lhes é peculiar, insistiam em desdenhar dos cones e abusar das tintas. Os inúmeros itens de obra pareciam diverti-las. Ainda está fresca, alguém gritou, enquanto um moleque passava o dedo no chão e gargalhava, pintando o rosto do amigo com a tinta branca dos quebra-molas. No chão, tudo borrado outra vez.

Antes que anoitecesse, os homens que tanto trabalharam já haviam ido embora. Mas deixaram para trás alguns canteiros esburacados e um meio fio pintado somente pela metade. Os galhos das árvores podadas estavam pelas ruas, atrapalhando o trânsito. O prefeito não veio. Os trabalhadores não voltaram. Mas os bares já esbanjavam cadeiras e mesas na calçada. Papelões, caixotes e finos cobertores retornaram às marquises. Os rumores e a revolta continuavam, porém, agora embalados pelo cheiro do churrasco que assava na esquina.

Ficou tarde, mas antes de adormecer um cheiro forte invadiu o quarto. Dessa vez, não era o cigarro do vizinho, tampouco a brasa do churrasco. Apoiou-se no beiral da janela, esticando o rosto para baixo até avistar a fumaça que subia. Ao redor, nem adultos nem crianças. Nem cadeiras, nem caixotes. A luz não vinha do sol nem sequer do poste, mas do fogo que ardia nas calçadas. Cones alaranjados estavam em chamas, placas de trânsito estavam pichadas. E tudo aquilo que fizera parte de uma obra incendiava-se. Galhos de árvores e papelões faziam a brasa arder e o fogaréu tomar conta da rua. “Rapidamente as chamas ganham volume, a fumaça sobe aos céus e dissipa-se na atmosfera urbana. Os restos que a cidade dispensou agora ardem lenta e persistentemente. Mas qual seria a política urbana desse fogo?” (MIZOGUCHI, 2017, p.317).

No dia primeiro de novembro de 1975, o dia seguinte à entrevista, “o corpo sem vida de Pier Paolo Pasolini estava no necrotério da polícia de Roma” (PASOLINI, 2019, p.8). Foi brutalmente assassinado sem deixar pistas para evitar o perigo que tanto alertava. Nas ruas da Lapa, a luz que incide no quarto talvez indique: o fogo arde dismantelando falsas reformas.

A mulher que espiava na janela esticou o corpo para fora em busca da autoria do fogaréu, mas não viu sequer um rosto. Na calçada vazia agora era um borrão preto, feito de fogo que manchava o chão. Fuligens pairavam no ar. Voltou-se para a cama, entretanto não fechou as janelas, deixou a fumaça entrar e silenciosa aderiu às chamas.

\*\*\*

[O CLIMA VIROU UMA INCÓGNITA]

**Amigo,**

Te escrevo do interior de um café que fica na melhor biblioteca da cidade! Não acredito que não viemos aqui enquanto você ainda morava no Rio. O andar é alto e a vista é muito bonita. Além dos livros e do *wi-fi* tem um monte de sofá em que podemos descansar, ler, dormir. Um achado nas ruas tumultuadas do centro da cidade. Só o café que não é muito bom, o lugar é francês, acho que é por isso.

É sábado e chove muito por aqui, tem sido um outono de frio e chuvas. Sinto falta daquele clima 'calor no sol, frio na sombra' típico dessa estação. Mas ainda resta beleza nas folhas amarelas caídas no chão. O clima virou uma incógnita, mas a verdade é que carioca detesta chuva, não tem jeito. Não sei se é pelo amor à praia, acho que é mais raiva das poças e dos bueiros que transbordam. De não ter sapato adequado para isso tudo. E de sempre esquecer o guarda-chuva na casa de alguém porque nunca parece um item muito importante.

Essa noite eu tive um sonho tumultuado. Eu olhava da janela e um fogaréu subia pela calçada, vizinhos cochichavam e crianças corriam pela rua. Me incomodava o cheiro forte da fumaça, mas de algum modo eu apreciava as chamas. Acho que eu fiquei mexida com as imagens do último ato, não sei se você viu... Só no Rio de Janeiro foram mais de 250 mil pessoas às ruas<sup>25</sup> - debaixo de chuva, é preciso dizer - e, no final do ato, um ônibus foi incendiado. A imagem das chamas corroendo o veículo se espalhou pela internet, lembrando outras chamas de outros protestos. E, como não poderia deixar de ser, até criaram uma página nas redes

---

<sup>25</sup> Referente a manifestação contra os cortes no orçamento do Ministério da Educação. Ver mais em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/manifestacao-no-rio-termina-em-confronto-tem-onibus-incendiado-23668826>> Acesso em 18 jun. 2019.

sociais: "adoro carioca porque tudo ele vai lá e queima um ônibus"! Não perdemos a ternura nem a piada.

A brincadeira, a imagem, o sonho e seu último e-mail, tudo vem insistir na pergunta sobre o que as chamas têm queimado. Ou "Que mundos estes restos em chamas estariam aptos a interrogar e interromper?" (MIZOGUCHI, 2017, p.316).

Por um lado, vemos ruir aquilo tudo que uma vez julgamos conquistado, ou em conquista - a saber, a própria democracia - pouco a pouco perdendo suas formas. Por outro lado, as ruas nos mostram que outras chamas não param de arder.

Talvez você não lembre, a gente passava pouco por ali, mas em 2011 inúmeras barracas ocupavam a praça da Cinelândia reunindo pessoas, em sua maioria jovens que se diziam descontentes com um estado geral de coisas que parecia fazer parte daquilo tudo que era chamado de democracia. "Que democracia é essa? Pra quem é essa democracia? Porque eu só vejo ditadura pra gente<sup>26</sup>" ecoava uma das vozes que compunha o acampamento do Ocupa Cinelândia.

Inspirada em ações globais expressivas como a Primavera Árabe (Egito), a Porta do Sol (Espanha) e o Occupy (Estados Unidos), a ocupação durou cerca de três meses e também foi alvo de discursos reducionistas, pois:

[...] a retórica ocidental não tem surpresas. Cada vez que um levante de massas vem depor um sátrapa até ontem venerado em todas as embaixadas é porque o povo "aspira democracia". O estratagema é velho como Atenas (INVISIVEL, 2016, p.62).

Ao menos no Egito, a resposta extrapolava o binômio capitalismo-democracia representativa: "nossa luta - que esperamos partilhar com vocês - é muito mais ampla do que a conquista de uma democracia parlamentar bem ajustada" (INVISIVEL, 2016, p.63), eles diziam.

---

<sup>26</sup> Fala retirada do vídeo intitulado Ocupa Rio Cinelândia. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=VJem\\_bg0gSo](https://www.youtube.com/watch?v=VJem_bg0gSo)> Acesso em: 25 jul. 2019.

Muitos setores da Esquerda também se viam embaraçados com os novos movimentos de insurreição e alegavam “falta de senso de oportunidade do movimento para avançar uma pauta de reivindicações concretas capaz de mobilizar a sociedade civil” (TEIXEIRA, 2011). O fato de que “Aquele que se levanta não tem nada para colocar no trono, à parte, talvez, de um ponto de interrogação” (INVISIVEL, 2016, p.51) parecia complexificar as análises para aqueles acostumados a classificar todos os corpos em luta como operários.

Anos depois, a estratégia de ocupação prolongada ressoou no campo da saúde e da educação, lembra<sup>27</sup>? As ocupações de escolas, universidades e diferentes sedes do Ministério da Saúde talvez carregassem reivindicações mais específicas, incluindo exonerações e demonstrando total recusa a uma série de projetos e leis aprovadas no governo de Michel Temer. Mas se dava através do mesmo modo de insurgência que aposta nas assembleias, na partilha do cotidiano e na tomada de decisões feita de modo comunitário.

O que se via era então “[...]uma batalha sobre o significado de democracia, batalha essa que nem sempre assume a forma de uma deliberação” (BUTLER, 2018, p.8). Isso talvez seja desconcertante, e “com frequência os revolucionários são aqueles que as revoluções apanham mais desprevenidos” (INVISIVEL, 2016, p.53), pois, esses movimentos de insurreições contemporâneas “já não partem de ideologias políticas, mas de verdades éticas” (INVISIVEL, 2016, p.53)

O que se vê nos levantes contemporâneos é que não são “a arraia-miúda, nem a classe operária, nem a pequena burguesia, nem a multidão que se revolta. Nada que apresente

---

<sup>27</sup> No campo da saúde temos como exemplo o movimento Fora Valencius, que ocupou a sede da coordenação geral de saúde mental do Ministério da Saúde exigindo a exoneração do então coordenador de saúde mental Valencius Wurch e o OcupaSUS, movimento de ocupação em defesa do SUS que, no Rio de Janeiro, ocupou o prédio do MS durante 21 dias, exigindo além de outras coisas, a exoneração do ministro da saúde Ricardo Barros.

uma homogeneidade suficiente para admitir um representante” (INVISIVEL, 2016, p.51). E mais importante do que tentar discriminar os corpos, talvez seja perguntar “que operação de poder discursivo circunscreve “o povo” em qualquer dado momento, e com que propósito? ” (BUTLER, 2018, p.9).

Para Negri e Hardt (2014), os últimos levantes traduzem nada mais que o clamor pela constituição de uma sociedade democrática, capaz de estabelecer relações e ferramentas necessárias à criação efetiva de um “governo de todos por todos” (INVISIVEL, 2016, p.64). Nessa perspectiva, as vozes que se ouvem das ruas ressoariam um grito uníssono pela democracia. Mas:

De fato, tudo caminharia bem se a retórica democrática não fosse nada além uma voz que emana dos céus e que se junta, vinda do exterior, a cada levante, por ação dos governos ou daqueles que lhe desejam suceder (INVISIVEL, p.65, 2016).

Se há nesses levantes uma batalha pelo significado de democracia, pelo seu modo de exercício, reduzir a expressividade desses movimentos ao grito uníssono por um novo governo pode deixar escapar a dimensão implícita da “reivindicação por poder se unir, se reunir em assembleia, e de fazê-lo livremente, sem medo da violência policial ou da censura política” (BUTLER, 2018, p.23).

Já que:

O comparecimento, a permanência, a respiração, o movimento, a quietude, o discurso e o silêncio são [...] uma forma imprevista de performatividade política que coloca a vida possível de ser vivida no primeiro plano da política. E isso parece estar acontecendo antes que qualquer grupo exponha suas exigências ou comece a se explicar em termos propriamente políticos (BUTLER, 2018, p.24).

A biblioteca vai fechar em cinco minutos e eu não encontro as melhores palavras para concluir esse e-mail. Tudo está incerto e entreaberto. O fogaréu que invadiu meus sonhos ainda queima, mas eu não sei exatamente o quê.

Um beijo.

A.

\*\*\*

[REUNIÃO ANTIMANICOMIAL]

O corpo caminha apressado para a reunião. Dez para as seis. Dez para as sete. Toda hora é hora de engarrafamento. Mas uma hora de atraso não deve ser tanto assim. O entra e sai de gente não ofusca a faixa estendida sobre o prédio principal: Marielle Presente. Há os que rasgam faixas em nome da educação<sup>28</sup>, mas há os que a estendem nos lugares mais altos da cidade.

Antes de atravessar o portão principal decide comprar um cigarro, um maço. Sete e cinquenta lhe diz o moço, velho conhecido da banca de jornal. Aquele com sabor de menta, por favor, que é mais fraco e deve matar mais devagar. Esse é mais caro, você sabe né? Detonar o pulmão está pela hora da morte! Guarda o valioso veneno no bolso e sobe até *hall* de reuniões. Vai acender quando for preciso. Sempre é.

Uma, duas, três rampas da universidade que se quer pública e antimanicomial. O vão está cheio, a roda de gente está espalhada pelo chão. Mochilas, cadernos, crachás, olheiras. Todo mundo está cansado. Mas pelo menos tem bar depois da sequência interminável de pautas sem solução. Uma reunião para deliberar outra e mais outra e mais outra. Mais uma cerveja, por favor. Não vê a hora!

Chega afobada, mas pede licença e se junta ao grupo. São trabalhadores, usuários, estudantes, familiares e amigos da luta antimanicomial. Alguns rostos jovens e desconhecidos. Sorri. Uma hora de atraso e ainda estão nos informes: um mês, dez demissões; assembleia vazia e a conta bancária também; os trabalhadores sem previsão de salário; os usuários sem previsão de riocard, de novo. Mas eles estão lá e isso deve querer dizer alguma coisa. Já está na hora de acender o primeiro cigarro? Deixa pra mais tarde.

Enfim, a primeira pauta: retrocessos. Já não estavam nela? Alguém interrompe pra falar do cachorrinho que invadiu o CAPS na última semana e agora não sai de lá, virou

---

<sup>28</sup> Grupo pró-Bolsonaro retira faixa em defesa da Educação na UFPR. Disponível em: < <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2019-05-26/grupo-pro-bolsonaro-arranca-faixa-com-dizeres-em-defesa-da-educacao-na-ufpr.html> > Acesso em: 03 de ago. 2019.

Mascote, e é uma graça. Pera lá, companheiro, isso não é hora, aqui a coisa é séria, alguém afirma enquanto começa a narrar ponto por ponto a derrocada antimanicomial: a Nota Técnica nº11/2019, que fomenta o funcionamento dos hospitais psiquiátricos, a aprovação do PLC 37/2013, que altera a política de drogas permitindo a internação involuntária e tantos outros desmantelamentos. Já está na hora de ir embora?

As perdas enunciadas uma por uma refletem em um emudecimento extremo. Silêncio. Por alguns segundos, um suspirar profundo é somente o que se ouve. E aos olhos, restam ver as olheiras que se afundam em cada rosto. Estamos sendo massacrados, um amigo lamenta em sussurro. E mais uma vez é a história do bichano invasor que vem desorganizar a conversa: a gerente disse que lá não pode ter bicho não. Fala em tom alto, desdenhando de outras pautas. Falou que é serviço de saúde, e serviço de saúde precisa ser limpinho. Disse que haldol e vira-lata não combinam. Imagina entrar pelo na injeção? Já avisei ao doutor, vamos ter que parar com as injeções. A gente fica doido, mas o bicho não sai não. Do silêncio à gargalhada, e ela tem certeza de que ainda é cedo para ir embora.

A pauta primeira foi tão extensa que o melhor é ir direto às deliberações. Agora, alguém lidera e tenta organizar a reunião. Cinco minutos para cada. Alguém faz as inscrições. Toma a palavra sem se prender ao tempo de fala e anuncia: uma, duas, três comissões. Finalidades e objetivos delineados. Um ato. Um abaixo assinado. Um manifesto. Uma lista extensa e previsível. Certo que já decorou o passo a passo. Todos de acordo? Ela hesita. Algo se esgotou. Hesita, mas não sabe muito bem o porquê. Todos de acordo? Sim, todos de acordo. Afinal, o que mais se pode fazer? Ou, que outras formas de enfrentamento são possíveis travar?

A pergunta ressoa enquanto os nomes para compor as comissões já começam a ser definidos. Hora de acender o primeiro cigarro. Ela levanta e anda até a sacada da universidade. Distraída, acende um cigarro, mas tropeça. E ele cai no chão antes da primeira tragada. Que azar, todo dia um 7x1 diferente, alguém exclama. Um cigarro a menos, ela lamenta e ri, mas o pulmão agradece. Bobagem. Ao mesmo tempo em que a pequena chama queima no piso sujo da sacada, outra já se acende entre os dedos – apesar do vento, apesar do isqueiro velho. Ela pisa e apaga o fogo do fumo no chão. Apaga uma chama. Nasce outra.

Nem um cigarro e alguém a convoca de volta à reunião, ela ignora, quer tragar um pouco mais, quer pensar um pouco mais. E se tiver sorte, escapar das comissões. Mas a hora está passando. Já são muitos os compromissos com vereadores, deputados e

Partidos e pouca a quantidade de militantes ainda na roda. Quer esquecer o caminho da Assembleia Legislativa e dizer que a Câmara dos Vereadores é muita contramão para ela. Não aguenta mais. Algo se esgotou. Entre uma ou outra palavra de ordem, entre um ou outro abaixo assinado, alguma coisa se esgotou. E ela sabe que “o esgotado é muito mais que o cansado” (DELEUZE, 2010, p.67).

As luzes da Universidade começam a se apagar. É quarta-feira. Está tarde. E amanhã todo mundo acorda cedo. Os corredores começam a se esvaziar. O corpo carrega o peso das noites mal dormidas, do engarrafamento e das horas a mais depois do expediente. Todos estão cansados. Alguma coisa se esgotou. Mas ninguém quer ir pra casa. Afinal, é chegada a hora do bar. Finda uma reunião. Nasce outra.

No bar, a cerveja mais gelada e o petisco da promoção. Um belo petiscão. Mesas e cadeiras de plástico. Esquina. Toldo só para os não fumantes. Quase ninguém. Magrelo é o cachorro que passa latindo, implorando migalhas. Gargalhadas. Ninguém aguenta mais ouvir a história do mascote peludo! Mas ali o papo não é tão sério, companheiro. E nem dá para dizer que as pautas sejam assim tão outras. A verdade é que da reunião ao bar o que se esgota é um modo de enfrentar o problema. Hora de acender o segundo cigarro. Apaga uma chama. Nasce outra.

No boteco, o corpo dá mais sinais de fome que de cansaço. Enquanto o filé com fritas não chega, um amendoim bem temperado vai enganando o estômago. Ainda é quarta-feira e está mais tarde do que nunca. A cada cerveja o relógio avança. Mas ninguém quer ir embora. Eles estão ali e isso deve querer dizer alguma coisa.

Depois da primeira cerveja e do segundo cigarro é difícil entender por que o maço já está tão vazio. E o copo sempre cheio. O garçom não perde tempo. As olheiras não ficaram para trás, mas já não parecem tomar o rosto por completo. Os retrocessos permanecem. Da universidade ao botequim, nenhuma lei revogada, nenhuma ameaça esterilizada. Mas, no embalo da embriaguez, as deliberações são outras.

Está aberta a temporada das saideiras. Uma, duas, três. Essa é a última, todos juram. Promessas solúveis em álcool. Ainda que com corante, da pior qualidade<sup>29</sup>. E antes de ir embora, ela lembra a pauta que ficou para trás. Esquecida. Quase desimportante entre os inúmeros retrocessos. Está tarde. O garçom já arria o primeiro portão de ferro. O

---

<sup>29</sup> Bolsonaro edita decreto e vai permitir cerveja com corantes, espuma artificial e sem lúpulo. Disponível em: < <https://odia.ig.com.br/brasil/2019/07/5661984-bolsonaro-edita-decreto-e-vai-permitir-cerveja-com-corantes--espuma-artificial-e-sem-lupulo.html> > Acesso em 03 de ago. 2019

bar vai fechar. Ela suspeita ter perdido o *timing*. Mas olha para os colegas e relembra: a festa. Precisamos falar da festa da luta antimanicomial.

Só mais uma saideira. A última.

\*\*\*

[MARCHA LOUCA]

**Amiga,**

Te escrevo da biblioteca. Não é a mais bonita da cidade, mas venho aqui todos os dias. Ainda não fiz muitas amizades mas tem um casal de velhinhos fofos que sempre fala comigo. Ela sempre dorme sentada lendo novelas e ele fica escutando rádio no celular. Estou mais concentrado e retomando alguns projetos.

A sala aqui é ampla e silenciosa. O acervo é variado. Gosto de sentar de frente para uma janela enorme que dá vista para a praça da avenida central. O pôr do sol daqui é lindo e do alto se pode ver o movimento das ruas. Pessoas correndo, andando de bicicleta e muitos casais de adolescentes namorando.

Foi nessa praça também que aconteceu o ato, ou melhor, a *Marcha Louca*, como é conhecida por aqui. E, de fato, marchávamos. E, se por aí os limites entre ato e festa soam embaçados, por aqui a distinção entre ato e marcha está clara. As pisadas eram descompassadas, mas firmes. Sempre em linha reta, caminhando na mesma direção. Era um andar determinado, todos pareciam ter muita certeza do destino pretendido e do melhor caminho para chegar até ele.

Nas mãos, muitos cartazes e poucas tintas coloridas. Frases de denúncia. Frases de efeito e reivindicações. Entre uma passada e outra, conversas e palavras de ordem. Não importa onde você esteja, uma palavra de ordem é sempre uma

palavra de ordem. Mas, confesso, meu olhar saudoso viu poucas cores pintadas nos cartazes.

Não digo que não foi bonito. A rua estava cheia e a Marcha misturava jovens e adultos lutando por um mundo mais antimanicomial. Muitos ali carregavam as marcas de longos processos de institucionalização nos corpos. E durante a caminhada diversos transeuntes aproximavam-se curiosos, perguntando do que se tratava a manifestação. Nas mãos também carregávamos panfletos e materiais didáticos. E, a quem perguntava, parecia fácil explicar que lugar de loucura é na cidade.

Na tentativa de descontraír, fui em busca de uma cerveja. Não encontrei. No meio da multidão que marchava firme não havia ambulantes e gritos de Cerveja! Cerveja! Não me lembro de nenhum ato no Rio de Janeiro sem ambulantes. Mas, aqui, foi preciso desviar da avenida reta em busca de um bar. E no final teve uma espécie de buffet produzido por entidades organizadoras em que se serviam queijos, salames e vinhos. Consegue imaginar? Eu morri de rir lembrando dos sanduíches de pão com mortadela que a gente oferecia para os artistas que topavam compor o ato por aí.

Caminhamos um percurso extenso. A Marcha não era exatamente desanimada, mas um tanto enfadonha. Um carro de som puxava a caminhada. Você sabe como é. Representantes de entidades, lideranças de movimentos sociais e parlamentares disputando tempo de fala no microfone. Havia beleza na força do ato. Mas uma beleza em linha reta. Uma beleza arrazoada.

Não foi apenas da cerveja que senti falta, acredite. Senti saudade dos imprevistos. Do transporte que chega tarde, do responsável de som que atrasa, da cartolina que alguém esquece, e até do corpo estressado que tem certeza, no meio do ato, de que esse ano não vai dar certo.

Mas, sobretudo, tenho saudade do itinerário traçado entre o Largo da Carioca e a Cinelândia. Tenho saudade de

atravessar a Avenida Rio Branco pulando de alegria sabendo que tudo vai atrasar. Tenho saudades de dançar e misturar os corpos na cidade. Então, me diga: e, por aí, vocês ainda dançam?

**Beijos antimanicomiais,**

**B.**

\*\*\*

[PELOS BECOS E BARES]

**Querido,**

Veja bem, vou te contar. Diferente da última festa e do último ato, nesse dia não choveu. O clima não era de calor, mas um casaco fino dava conta de barrar a friagem. O Largo que carrega a estátua de Mercedes Baptista - primeira bailarina negra a compor o corpo de baile do Teatro Municipal - estava lotado. O Museu que funciona nas proximidades inaugurava a exposição *O Rio dos Navegantes* ao som de Tereza Cristina e outros músicos brilhantes que davam um tom festivo às ruas do centro do Rio.

Entre a estátua, o museu e as pessoas que lotavam as ruas, sobrados antigos que hoje funcionam como bares, casas de festa e restaurantes. São espaços charmosos e um tanto apertados. Acho que você não chegou a conhecer um deles, o escolhido para a festa da luta antimanicomial. O gerente do local é parceiro dos movimentos sociais e não cobra para usarmos o espaço.

Dois lances de uma escada estreita e paredes escuras. No andar de cima, um bar, algumas mesas e uma pista de dança modesta. Para nossa surpresa, ao chegarmos - atrasados, é claro - no local da festa, outra festa estava em andamento. O gerente, apesar de parceiro, havia reservado o local também

para outro evento e achou por bem não nos comunicar. Você pode imaginar a confusão que foi!

O sobrado, que não era lá muito grande, já estava lotado, nós, atrasados, e a decoração ainda por fazer. Pois bem, nessa mistura de corpos e festas, cada um que chegava recebia uma função organizativa. Falar com gerente, receber os Djs, e com fitas coloridas e cartazes antimanicômiais tentar quebrar o tom neutro do local. Atrapalhados e contando com os contratemplos, íamos nos dividindo para dar conta de todos os detalhes que envolvem a organização de uma festa.

Lembrei de quando eu - findando a graduação - passei de sala em sala, convidando alunos e professores para a festa. Muitos ainda não conheciam os *Becos* e *Bares* e me questionaram sobre o formato da festa. Na hora, eu não entendi muito bem, mas uma aluna esclareceu ao perguntar se se tratava de uma festa temática. Um tanto duvidosa ela queria saber se iria tocar música de verdade ou apenas hits como *Maluco Beleza* e afins. Eu gargalhei e sugeri que ela mesmo fosse conferir. Esse ano ela foi uma das primeiras a chegar e organizar o evento. Ao longo dos anos, alguma coisa fica.

Juntas, espalhávamos tintas e pincéis no chão da pista de dança e todos eram convidados a escrever seus cartazes. Apressados, tentávamos palavrear a liberdade em cartolinas coloridas que pouco a pouco iam dando um tom alegre ao local. E, se você está imaginando que os cartazes se limitavam à denúncias e demandas em nome da Reforma Psiquiátrica, saiba que as frases que embalavam a festa afirmavam que "prisões nem as de amor", "loucos se apaixonam" e "nenhum passo atrás". Assim, nossa ambiência ia sendo criada. Os cartazes colados no corredor estreito davam um tom de esconderijo contra os manicômios. Estávamos fortes. Alegres, atrapalhados e fortes.

Apesar de todo atraso e confusão, o lugar foi enchendo, e assumo que me surpreendi. A despeito da funcionária que ficou sozinha na portaria da festa se multiplicando em dez para dar conta de tanto trabalho, as pessoas foram chegando devagar e se aconchegando lá em cima. O lugar era pequeno, mas depois de algumas horas de festa todo aperto vira aconchego. A fila estava enorme, acho que nossos *Becos* e *Bares* estão famosos ou acabamos por contagiar a galera que, ao passar pela praça, ouvia a *playlist* - que extrapolava em muito Raul Seixas - e resolvia entrar.

Eu não sei quem era aquela gente toda que se multiplicava sem cessar - antimanicômiais ou não? -, talvez fossem apenas aqueles "que não são nada, [...] aqueles que se encontram nos cafés, pelas ruas, na vida, pela faculdade, pela internet" (INVISIVEL, 2016, p.50). Talvez sequer acreditassem em uma sociedade sem manicômios. Mas estavam lá. Talvez pintassem cartolinas ou quem sabe ignorassem a presença da tinta. Eu não sei, mas estavam lá, e isso deve querer dizer alguma coisa, não é mesmo?

E talvez por isso é que no meio da festa um grito agregou "todos os elementos flutuantes, do plebeu ao pequeno-burguês" (INVISIVEL, 2016, p.50): "nenhum passo atrás, manicômio nunca mais! ", entoávamos em alto e bom som. Não sei se foi só o álcool - e outras drogas - mas vi alguns olhos brilharem e a essa altura já tinha esquecido os contratempos e posto o corpo a dançar. Sim, a gente ainda dança.

O local não tinha hora para fechar - pelo menos era o que havíamos combinado - e, aparentemente, ninguém tinha hora para dormir. Eram quatro da manhã. Talvez para outras festas já fosse hora de encerrar, mas nós, nós insistíamos. Entretanto, como eu te disse, "o mundo vai mal" (INVISÍVEL, 2017, p.23), e foi aí que o som fez jus à crise e parou de

funcionar. Pifou. Uma dose de desespero, outra de decepção. Sem som não há festa, não é mesmo?

A falta de música antecedeu o anúncio do garçom de que a cerveja acabaria em breve, e parecia anunciado o fim precipitado do evento. Ou parecia um boicote. Foi um boicote? Lembrei da sequência de retrocessos enumerados - incessantemente - na última reunião da luta antimanicomial. Esse parecia mais um. E agora? Olhares se cruzavam sem saber.

Se o local era parceiro e facilitava os trâmites para os movimentos sociais, eles pareciam também cansados. E é provável que a interrupção compulsória da música tenha vindo deles mesmos. Eles que se filiavam às lutas democráticas, criavam parcerias com o campo da Esquerda, mas estavam evidentemente cansados. Talvez porque servir cerveja aos boêmios até o amanhecer não seja uma tarefa lá muito fácil. Ou, talvez, porque se propor a fazer da luta festa também não seja a tarefa mais branda nos dias de hoje.

Se, naquele momento, à Casa restou desligar o som, aos corpos embriagados na pista de dança restava conferir as tomadas, conectar os fios e girar sem cessar os botões, em um gesto quase irresponsável de quem quer insistir, apesar de tudo. E, ainda que inúmeros técnicos em eletrônica nascessem ali, ninguém conseguia resolver aquilo que no momento parecia somente uma falha infeliz da aparelhagem de som. Nada feito.

De um lado, a tentativa de recuperar a música e manter o corpo em movimento. Do outro, militantes que tentavam convocar uma reunião de emergência para deliberar em votação o destino das coisas. Nada feito. E, assim, um ou outro já descia as escadas descontente, indo embora.

Já disse que não era cedo. Eram quatro horas da manhã. Quatro horas da manhã e som pifado. Cerveja esgotada. Mesa de som montada e sem funcionar. Todos aqueles corpos sem saber para onde ir. Quatro horas da manhã e de que vale

continuar dançando? Alguém me questionou. Fingi não ouvir. Eu não sabia mesmo do que valia, mas algo me dizia que, apesar de tarde, ainda não era hora de parar.

Do lado de fora, céu escuro, madrugada. Entre o tarde e o tarde demais resta um tempo. Do lado de dentro, um clarão. Luzes acesas. Quem tocou no interruptor? Quem acendeu as luzes? Luzes de emergência se acenderão automaticamente, lembra? Dado o avançado das horas e o retrocesso da mesa de som, encerrar a festa parecia a única saída. E o que seria mais condizente com o sentimento de frustração que toma nossos corpos no presente?

Mas, afinal, se “tá dando alguma merda que te tira a noção[...] e as luzes se acendem” (GEISLER, 2014, s/p), deve ser porque ainda nos reste algo a fazer, não é mesmo? Da janela, olhei a rua e um tanto perdida senti nos ombros uma mão me convocando a atenção. Não lembro quem foi, mas me disse com ar de entusiasmo que o bar da frente estava aberto, poderia conectar a mesa de som e nos receber.

Veja, eram quatro horas da manhã e anunciávamos - sem saber direito o que ia acontecer - que a festa não tinha terminado. Eram quatro horas da manhã e talvez por um legítimo cansaço alguém tivesse desligado o som e acendido as luzes. Eram quatro horas da manhã e esgotávamos uma festa, para começar outra. Esgotávamos uma dança, não para decretar o fim, e sim, fazer nascer outras.

Os que desciam as escadas carregavam nas mãos cartazes antimanicomiais. Talvez por apego aos dizeres libertários não os deixavam para trás e exibiam as cartolinas coloridas para todos que àquela altura ocupavam a praça. Entre os que lá estavam, velhos conhecidos da militância, jovens curiosos pela temática da festa, trabalhadores, usuários, conhecidos e desconhecidos. Juntos e pelas ruas, não dávamos nenhum passo atrás.

Eram quatro horas da manhã e não estávamos construindo uma “sociedade nova” [...] nem a organização que derrubará finalmente o poder para constituir um novo” (INVISIVEL, 2016, p.53). Eram quatro horas da manhã e nos levantávamos contra o fim precipitado das coisas.

Decerto, já não éramos tantos, e talvez “porque os insurgentes nunca são a maioria” (INVISIVEL, 2016, p.63), mas apenas “a potência coletiva que, por meio da sua consistência e da sua inteligência, condena o poder à impotência, frustrando uma a uma todas as suas manobras” (INVISIVEL, 2016, p.37).

O bar que acolheu a festa às quatro horas da manhã, mandou avisar que por ser pequeno seu espaço e um tanto mambembe sua estrutura, a pista de dança teria que ser na rua. O que quer dizer, na praça, no Largo, ao redor de Mercedes, a bailarina que rodopiou conosco até o amanhecer.

Sem dúvidas, nossas coreografias espontâneas e até um tanto desritmadas não ensaiavam “a conquista de uma democracia parlamentar bem ajustada” (INVISIVEL, 2016, p.63) tampouco a retomada de direitos e políticas antimanicomiais. Mas, talvez só por isso, naquele momento, era possível dançar.

O que se dava em praça pública também não era o triunfo da organização sob o caos, mas algo que insurgia como o “reino da iniciativa, da cumplicidade prática, do gesto” (INVISIVEL, 2016, p.64). Era um regime “de abertura, de sensibilidade ao que aqui está” (INVISIVEL, 2016, p.74). Era somente um gesto. Um gesto de insurreição.

Querido amigo, não vou lhe dizer que não houve confusão ou desordem. Mas as tentativas de controlar o caos que se impunham do início ao fim da festa frustravam-se uma após a outra. Deixando claro que “a insurreição não respeita nenhum formalismo, nenhum dos procedimentos democráticos. Ela impõe, como qualquer manifestação de envergadura, a sua

própria forma de utilização do espaço público” (INVISIVEL, 2016, p.64).

O sobrado das escadas estreitas e paredes escuras já havia apagado as luzes e trancado as portas quando na praça outro clarão se acendia. Eram sete horas da manhã. E, agora, era a luz do sol que queimava os corpos que ali insistiam. Amanhecia. Eu te disse que prefiro as manhãs, lembra? Dessa vez era recíproco. Eu prefiro as manhãs, porque o clarão do dia parece sempre anunciar: ainda há fogo, ainda há chama. Incendiávamos a praça.

\*\*\*

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[RESSACA]

Deitada, abre os olhos devagar. Seis, sete ou oito da manhã? As mãos alcançam o celular em cima da cabeceira. Duas da tarde e cinco por cento de bateria. Precisa recarregar. Precisa levantar. Roupas espalhadas pelo chão e o teto que não para de rodar. Os movimentos são minuciosos. A cabeça dói. O estômago dói. Ressaca. Forte movimento das ondas, fruto de um mar muito agitado. Ou um dia depois da festa.

Os móveis servem de apoio ao corpo ainda cambaleante, tonto. As pernas doem e ela percebe que descer até o chão fica mais difícil depois dos trinta, lembrar também. Afinal, como chegou em casa? Alguém a acompanhou? Que perigo. A amnésia alcóolica dos vinte anos é bem mais branda que a de agora. Mas, o roteiro do dia seguinte continua o mesmo. Água. Novalgina. Café. Água de novo. De rosto lavado caminha até a cozinha para dar início ao ritual.

Enquanto a água ferve, a dor aperta o estômago. É algo além da ressaca. Com todo esse excesso de café pode bem ser uma gastrite. Já são quase três da tarde. A festa foi ótima. O celular já tem um pouco mais de bateria e no *whatsapp* amigos esbanjam comentários divertidos sobre a noitada. Ela gargalha para tela do celular e vê que, apesar do mal-estar, o dia depois da festa é quase tão bom quanto a própria festa.

Fotos, áudios, gargalhadas. A eterna discussão. Pagode é melhor que axé. Axé é melhor que samba. Raça negra ou Molejão? O amigo que lembra o que ela esqueceu. O dinheiro que não lembra onde gastou. A embalagem de *fast-food* jogada no chão. Televisão. Seriado. Sofá. O crepúsculo de domingo e os limites tênues entre curtir a preguiça e lamentar a improdutividade do dia. Um clássico.

De frente para a TV, entre um episódio e outro, liga o computador. No *desktop*, uns dez ou quinze arquivos, uma bagunça. Mas o que salta aos olhos é aquele em formato *doc* intitulado versão final 1. O estômago dói mais uma vez. Ansiedade. Acabou a festa. Acabou o texto. Ressaca. O que vem agora?

Ela sabe que entre a versão final 1 e a versão final ok ainda há o que ser dito. E deve ser daí que vem esse embrulho interminável no estômago. Mas terminar é tão difícil quanto começar. O fim é tão difícil quanto o meio. Escrever dá vontade de vomitar. Não é só ressaca. E pronto. Passa o mouse sobre o arquivo, seleciona, mas hesita e não clica. Deixa pra depois. Abre uma janela nova. Gmail. Escrever.

**Amigo,**

Estou na reta final. Falta pouco para terminar a pesquisa e os dias alternam em sentimentos de amor e ódio ao texto. Já faz um tempo você me contava da sua viagem, lembra? Um ano e meio, quase dois. Nas suas palavras havia medo e do lado de cá eu atirava meu corpo na cama. Trêmula.

Desde então, outros amigos partiram, deixaram o Rio, deixaram o Brasil. Exílios não mais julgados como precipitados. Os que saíram não foram acusados de covardes, e tampouco os que ficaram, como eu, chamados de corajosos. Vamos ajeitando a vida do jeito que dá. Aí ou aqui, o que resta é o embate. A gente vai escolhendo as disputas que quer travar. E, às vezes, elas nos escolhem.

A luta por uma sociedade sem manicômios, por uma cidade mais possível de habitar. Nas praças que queremos ocupar com faixas e guarda-chuvas, ora somos engravatados perdendo o ar, ora somos crianças molhadas sem medo de gripe. As ruas explodem em pressa, mas a arquitetura cinza, crua e arcaica do manicômio insiste nas vielas e faz parecer que ali o tempo parou.

Em paralelo, um cenário de suspensão de direitos coloca em xeque os avanços nas políticas públicas de saúde mental fomentando os velhos hospitais psiquiátricos e as novas formas de encarceramento. Discursos violentos, conservadores e antidemocráticos estimulam uma polarização que atravessa redes e ruas. Luzes se acendem. Alerta de perigo. E a gente se pergunta: como continuar daqui? Ou **como [hoje] podemos almejar, sonhar e lutar por uma sociedade sem manicômios?**

Trabalho, pesquisa e militância se atravessam. Memória e ficção servem como ferramentas de interpelação do mundo em que vivemos. E nesse limiar entre o que é lembrado e o que é inventado, histórias são narradas, não para que delas

emergam respostas para a pergunta anunciada, mas para que ajudem a engendrar outros modos de luta.

Relembrar as bases do Movimento Nacional da Luta Antimanicomial e sua filiação democrática possibilitou pensar sobre a própria democracia em seu caráter de embate permanente e nas inúmeras formas de travar esses embates no cotidiano dos movimentos sociais.

Entre abaixo-assinados, palavras de ordem, manifestos e formas de luta preocupadas em assegurar avanços no plano das políticas públicas, é possível afirmar outros modos de disputa? Se, por um lado, é imprescindível garantir direitos de igualdade e cidadania à loucura, por outro, extrapolar esses modos de luta tem parecido cada dia mais fundamental.

Trata-se de admitir a ideia de um não saber o que fazer, ou não saber o que virá. Nas palavras de Cecília Coimbra (no prelo), é trocar a caminhada em território firme pelo lamaçal do pântano, porque "o território firme te dá segurança, mas te cristaliza, endurece, e mantém com aquelas mesmas crenças".

Do corpo cansado ao corpo esgotado, o fim das coisas é também a possibilidade de criação. E "só o esgotado pode esgotar o possível, pois renunciou a toda necessidade, preferência, finalidade ou significação" (DELEUZE, 2010, p.71).

Frente a um cenário de desmonte das políticas públicas antimanicomiais e ataque à democracia ou, poderíamos dizer, frente a um cenário de sufoco e perigo, afirmar um itinerário escorregadio e com destino incerto, talvez seja muito mais desafiador. Mas a aposta é que esses caminhos ao extrapolarem as lutas institucionais tragam pistas para um exercício de militância que se quer,

*[...]menos agoniado que vinte reuniões na mesma semana  
(com palavra de ordem / questão de ordem  
contra todas as ordens mas*

*organizando tão igual...)*<sup>30</sup>.

Com um pouco mais de ar eu te agradeço, amigo, por travar comigo esses percursos incertos entre avenidas, becos e ruelas. Por ocupar beirais de janelas e cantinhos em bibliotecas na tentativa de engendrar outros ares, outros respiros. E, entre cafés fortes e infindas insônias, seguir apostando na luta por uma sociedade sem manicômios.

**Um beijo.**

**A.**

\*\*\*

---

<sup>30</sup> Trecho da poesia Cuír Paradiso de Tatiana Nascimento. Disponível em: <<https://medium.com/@arianaoalves/4-poemas-de-tatiana-nascimento-3f0c3971b432>> Acesso em: 25 jul. 2019.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **Estado de exceção**. Trad. Iraci D. Poletí. São Paulo: Boitempo, 2004.

A INVENTORA de memórias. Direção de Bruno Carneiro. São Paulo: Televisión América Latina, 2007. (26min.40s.).

BARRETO, L. **Diário do Hospício e o Cemitério dos Vivos**. Org. MASSI, A; MOURA, M. M. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BASAGLIA, F. **Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica**. Ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

BAUDELAIRE, C. O pintor da vida moderna. In \_\_\_\_\_. **Obras estéticas: Filosofia da imaginação criadora**. Trad. Heldt. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993, p. 223-224.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Nota Técnica nº 11/2019**. Esclarecimentos sobre as mudanças na Política Nacional de Saúde Mental e nas Diretrizes da Política Nacional sobre Drogas. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <<http://pbpd.org.br/wp-content/uploads/2019/02/0656ad6e.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2019.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Obras Escolhidas, v.3, São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. v.1, Trad. Sergio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Passagens**. Org. Willi Bolle. Tradução Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

\_\_\_\_\_. **Rua de mão única Infância berlinense: 1900** Tradução João Barrento, Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BINES, R. K. A grande orelha de Kafka. **Cadernos de leitura Chão da Feira**, n. 87/ série infância, 2019.

BLANCHOT, M. **O livro por vir**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

BUTLER, J. **Corpos em Aliança e a Política das Ruas: Notas para uma teoria performativa de Assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainard. Editora Biblioteca Folha, 1972.

COIMBRA, C. **Entrevista com a psicóloga Cecília Coimbra homenageada no "VIII Seminário Nacional de Direitos Humanos - Psicologia e Democracia; nenhum direito a menos"** [ abril, 2018] Concedida e transmitida pelo Conselho Federal de Psicologia.[2018] Disponível em

<https://www.facebook.com/conselhoederaldepsicologia/videos/1929045173793998/>. Acesso em 29/04/2018

\_\_\_\_\_. **Eu não quero que o ódio seja o melhor de mim: lutar contra os microfascismos e afirmar a diferença que está no mundo.** No prelo.

COSTA, L. A. O corpo das nuvens: ousou da ficção na Psicologia Social. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 26, n. SPE, p. 551-576, 2014.

DELEUZE, G.. **Sobre o teatro: Um manifesto de menos; O esgotado.** Trad. Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DELEUZE, G. A questão da filosofia na Grécia. Governo de si e subjetivação. Trad. Danichi Hausen Mizoguchi. **Revista Mnemosine**, v.13, n. 1, p. 193-227, 2017.

EVARISTO, C. **Becos da Memória**, Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FOUCAULT, M. **O belo perigo: conversa com Claude Bonnefoy.** Trad. Fernando Scheibe, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FOUCAULT, Michel. Política da Verdade. Paul Rabinow entrevista Michel Foucault. In: RABINOW, P. **Antropologia da Razão**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1984.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar esquecer escrever**. São Paulo: ed.34, 2006.

\_\_\_\_\_. **Limiares e passagens em Walter Benjamin.** Org.: Georg Otte, Sabrina Sedlmayer e Elcio Cornelsen. Belo Horizonte: UFGM, 2010.

\_\_\_\_\_. **Teoria literária e hermenêutica Ricceuriana: Um diálogo possível.** Org.: Adna Candido de Paula e Suzi Frankl Sperber. Dourados, MS: UFGD, 2011a.

\_\_\_\_\_. **História e narração em Walter Benjamin.** São Paulo: Perspectiva, 2011b

GEISLER, L. **Luzes de emergência se acenderão automaticamente** [recurso eletrônico] Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

GUIMARÃES, C.C. COSTA, R.A. ARAÚJO, E. B. Centro Psiquiátrico Rio de Janeiro: a reforma psiquiátrica na região da Gamboa. **Revista Psique**, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 5-19, ago./dez. 2016.

INVISIVEL, C. **Aos nossos amigos. Crise e Insurreição.** São Paulo: n-1 edições, 2016.

KAFKA, F. **Contemplação e o foguista.** Trad. Modesto Carone. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

LARROSA, J. **Tremores. Escritos sobre experiência.** Trad. Cristina Antunes, Joao Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Editora autentica, 2015.

MACHADO, A. *Flagrantes da Criação/Posfácio* In: Telles, L. F. **Invenção e memória**, São Paulo: Companhia das letras, 2009.

MANIFESTO et al. *Manifesto de Bauru*. Dez. 1987. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/05/manifesto-de-bauru.pdf>> Acesso em: 28 ago. 2018.

MIZOGUCHI, D. H. *Experiência e narrativa: artefatos políticos de pesquisa*. **ECOS Estudos contemporâneos da subjetividade**. v. 5, n. 2. 2015.

MIZOGUCHI, D. H. *A gestão e o fogo: os restos da cidade e as chamas sem fim*. In RASERA, E.F., PEREIRA, M.S., GALINDO, D. **Democracia participativa, estado e laicidade: psicologia social e enfrentamentos em tempos de exceção**. Porto Alegre: Abrapso editora, 2017.

NEGRI, A. HARDT, M. **Declaração Isto não é um manifesto**. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: n-1 edições, 2014.

OLIVEIRA, E. **Ouvindo vozes. Histórias do hospício e lendas do Encantado**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2009.

PASOLINI, P. P. *Estamos todos em perigo: última entrevista de Pier Paolo Pasolini com Furio Colombo*, Trad. Bernardo RB. **Cadernos de leitura Chão da Feira**, n. 86, 2019.

PATROCÍNIO, S. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. Org.: MOSÉ, V. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001.

PELBART, P. P. *Manicômio mental – A outra face da clausura*. In: LANCETTI, A. (Org.) **Saúde Loucura**, nº 2, São Paulo: Editora Hucitec, 1990.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. 2018. Disponível em: <http://portomaravilha.com.br/portomaravilha>. Acesso em 01/09/2018.

POE, E. A. *O Homem das multidões*. In: \_\_\_\_\_. **Histórias Extraordinárias**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

RANCIERE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução Mônica Costa Neto. São Paulo: EXO experimental. org.: Ed. 34, 2005.

ROLNIK, S. **Esferas da Insurreição. Notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SAER, J. J. *O conceito de ficção*. **Sopro**, Desterro, v.15, p.1-4, agosto de 2009.

STEEN, E. V. **Viver & Escrever**, v3, Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.

TEIXEIRA, E. T. *A Ocupa Rio e sua inserção no movimento mundial*. **Passa Palavra**. 2011. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2011/11/48081/>>. Acesso em 27 jul. 2019.

TELLES, L. F. **As meninas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.